

utad

HOLLYWOOD



utad

Dialetos Perdidos



Maria Assunção Domingues Pereira

Realização, Edição e Montagem: João Costa - Operadores de Câmara: João Costa e Guilherme Monteiro - Som e Banda Sonora: João Costa

Licenciatura em Ciências da Comunicação - Unidade Curricular de Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

Portefólio final

João Costa

Licenciatura em Ciências da Comunicação
Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

2º Semestre, 2021/22



Índice

Introdução	3
Pesquisa e Análise.....	4
P1 – Movimento Artístico.....	5
P2 – Autor Internacional.....	24
P3 – Autor Português	36
A1 – Ficção e Documental.....	47
A2 – Citizen Kane	58
A3 – <i>Nós, Portugueses</i>	68
Exercícios Práticos.....	76
E1 – Criar com a Luz	77
E2 – O Tempo e o Movimento	89
E3 – Memória Sonorizada.....	92
E4 – Continuidade Narrativa	95
E5 – Autorretrato.....	99
Projeto Final	105
Dossiê de Produção	106
“Dialeto Perdidos”	127
Reflexão Final	133
Bibliografia.....	134

Introdução

No presente portefólio é possível encontrar todo o trabalho por mim desenvolvido ao longo do segundo semestre do ano letivo de 2021/2022 na unidade curricular de *Imagem, Som e Narrativa Audiovisual*.

Este documento está dividido em três partes, as mesmas que compõem os três diferentes géneros de trabalhos. A Componente A é referente aos trabalhos teóricos e às análises fílmicas. Ou seja, na parte referente a essa componente pode-se encontrar algumas pesquisas referentes a autores e a um movimento marcante da história do cinema e três análises fílmicas, sendo uma delas referente a um filme à minha escolha.

A Componente B é referente aos trabalhos práticos. O primeiro trabalho dessa parte é referente a fotografia, sendo os quatro seguintes baseados no formato de vídeo.

Por fim, a Componente C, também denominada de Projeto Final, remete para a curta-metragem de estilo documental biográfico que realizei. Nesse segmento é possível encontrar quer o *Dossiê de Produção*, como também algumas frames do resultado final.

Pesquisa e Análise

P1 – Movimiento Artístico

Hollywood

utad

UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

HOLLYWOOD

Hollywood

Autoria de **João Costa**
Licenciatura em Ciências da Comunicação
Imagem, Som e Narrativa Audiovisual
2º Semestre – 2021/2022

Índice

Introdução	7
Enquadramento histórico	8
Estúdios	10
Realizadores	12
<i>Tim Burton, Stanley Kubrick</i>	12
<i>Steven Spielberg, Quentin Tarantino</i>	13
<i>Martin Scorsese, James Cameron</i>	14
Filmes	16
<i>O Feiticeiro de OZ, Casablanca</i>	16
<i>Pulp Fiction, Regresso ao Futuro, A Origem</i>	17
<i>Toy Story, The Matrix</i>	18
<i>Avatar, Titanic</i>	19
Estrelas	21
<i>Charlie Chaplin, Marilyn Monroe</i>	21
<i>Morgan Freeman</i>	22
Reflexão pessoal	24
Bibliografia	25

Introdução

Enquanto aluno da unidade curricular de *Imagem, Som e Narrativa Audiovisual* fui proposto a abordar, neste primeiro trabalho, um movimento artístico que tenha marcado a história do cinema. Como tal, tive em consideração as minhas referências e gostos pessoais no que diz respeito à escolha do movimento. Constatei então que Hollywood seria o tema mais pertinente dado que sempre fui um amante do cinema de Hollywood e tenho grandes estúdios, oriundos dessa cidade norte-americana, como principal referência.

Com a entrega e respetiva publicação deste trabalho pretendo conhecer e dar a conhecer o que de melhor Hollywood nos trouxe. Os principais estúdios, os realizadores de renome, os filmes campeões de bilheteiras e, com clareza, a história desta cidade.

Enquadramento histórico

O nome *Hollywood* remete-nos sempre para a ideia de várias produções cinematográficas provenientes dos Estados Unidos da América, especialmente as mais conhecidas e as que mais audiências atraem. Mas a verdade é que o nome da cidade já existia antes de Thomas Edison – criador de diversos equipamentos técnicos – começar a pensar sobre cinema.

Hollywood é o original nome de uma cidade que surgiu na segunda metade do século XIX. Situa-se no estado de *Los Angeles* e, nos primórdios da sua existência, havia apenas uma pequena cabana. Anos mais tarde os terrenos circundantes foram comprados com o intuito de investir na pecuária, no entanto, a tarefa não foi bem-sucedida.

Entretanto, enquanto a cidade ia se edificando, Thomas Edison desenhava os mais diversos instrumentos e máquinas. O criador já era conhecido pelas incontáveis patentes que possuía em seu nome nos Estados Unidos da América, contudo, foi com a ideia de recolher imagens com movimento que criou mais e mais instrumentos. O fonógrafo – aparelho que reproduzia som – e a lâmpada incandescente – ainda utilizada atualmente – foram algumas das suas criações. Porém, a mais notória foi o *cinetógrafo*, o primeiro aparelho capaz de captar várias imagens em sequência aparentando ter movimento quando estas eram projetadas a grande velocidade. Mas Thomas Edison não era só marcado pela sua grande inteligência como também pela sua ambição e ganância.

Quando o universo cinematográfico começou a ter alguma importância, Edison juntou-se a mais algumas Estrelas formando assim a MPPC - *Motion Pictures Patents Company* – que, traduzindo para português, significa *Companhia das Patentes de Imagens em Movimento*. Esta companhia lucrava com a produção de filmes e também com as taxas de patentes que outros autores eram obrigados a pagar, isto é, todos os filmes que fossem gravados por elementos não pertencentes à MPPC tinham de pagar os direitos autorais da câmara, do projetor, da fita e de muitos outros equipamentos. A maioria do dinheiro lucrado com os direitos autorais revertiam diretamente para Thomas Edison, fazendo dele o líder do monopólio cinematográfico.

Mesmo sabendo da existência destas taxas e da obrigação de as pagar, ainda havia autores com o pulso firme, resistindo ao seu pagamento. Todavia, na maioria das situações, esses autores da “força resistente” eram levados a tribunal sendo forçados a pagar todos os direitos autorais. Fartos de terem de pagar as indevidas taxas, muitos autores mudaram-se para o estado da Califórnia, EUA, onde o tribunal não tinha interesse em julgar estes casos. Neste estado,

escolheram Hollywood pelo baixo preço que os terrenos custavam e pela facilidade que viriam a ter ao construir lá grandes estúdios.

Então, com as facilitadoras condições que Hollywood tinha, surgiram os principais estúdios que ainda gravam e produzem os títulos mais recentes.

“...perseguiram todos aqueles que tentavam escapar ao seu [Thomas Edison] controlo”; “No início do século XX, os produtores independentes procuraram na Califórnia o local ideal para poderem realizar em total liberdade os seus filmes.”

Pêra, Edgar (2013): *Hollywood: Estórias de glamour e miséria no império do cinema*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 37.

Estúdios

Existem inúmeras produtoras norte-americanas que atualmente produzem dos mais conhecidos títulos – *Dune* (2021, *Warner Bros*), *Silent Place* (2020, *Paramount*). O que podemos não saber é que a maioria destas produtoras surgiu juntamente com o nascimento de Hollywood.

No início do século XX, existiam apenas oito grandes estúdios, sendo eles: *MGM* (*Metro-Goldwyn-Mayer*), *Paramount*, *Warner Bros*, *RKO*, *Fox*, *Universal*, *Columbia* e *United Artists*. Contudo, apesar de terem surgido praticamente nas mesmas condições e por volta da mesma data, cada estúdio tinha uma identidade própria e um público alvo distinto.

A *MGM*, representada pelo rugido do leão que introduz todos os filmes desta empresa, produzia essencialmente filmes românticos. Cada título que era projetado nas salas de cinema tinha um cariz sensual e pomposo. As protagonistas dos filmes eram, por norma, mulheres bonitas e que continham um brilho próprio, inconfundível por parte do espectador. Aliás, todo o elenco que cada filme contava correspondia a um brilho exclusivo de beleza inalcançável.

Os filmes dos *Warner Bros* eram marcados precisamente pelo oposto. Os irmãos Warner abordavam essencialmente temas atuais que captassem a atenção de um espectador urbano, ou alguém que sonhava vir a viver na agitação das cidades num futuro próximo. Para esta companhia o que interessava não eram os atores luxuosos ou a equipa de renome, mas sim as histórias contadas. O objetivo principal era fugir ao romance e ao típico glamour do cinema de Hollywood.

Opostamente a estas duas produtoras, a *Universal Pictures* e a *Paramount* lutavam por atrair ou um público de classe económica baixa ou uma audiência letrada e financeiramente estável.

A *Universal* prestava um bom filme aos cidadãos do campo que, muito provavelmente, viviam da agricultura. Os filmes desta produtora eram cuidadosamente pensados para satisfazer os ideais conservadores do seu público, tendo cuidado em utilizar uma linguagem perceptível, capaz de ser entendida por um público menos letrado, ou então mesmo, analfabeto. Esta produtora ficou inerentemente conhecida pelos melhores filmes de terror da época.

Por fim, a *Paramount* produzia para um público erudito e com uma escolaridade superior ao normal. Este público era sofisticado e vivia numa situação financeira bastante estável. Os filmes remetiam o espectador para um mundo de brilho e sexo cujo objetivo era influenciar o público a agir conforme o representado.

Realizadores

Em Hollywood, a história do cinema foi escrita por inúmeros realizadores que dedicaram a sua vida à sétima arte. Deste vasto quadro de realizadores o destaque está naqueles que, sem medo, deixaram a sua marca e o seu nome para trás. Stanley Kubrick, Steven Spielberg, Tim Burton e Quentin Tarantino são apenas alguns dos nomes.

Tim Burton (1958) nasceu precisamente no estado da Califórnia, numa cidade do condado de *Los Angeles*, bastante perto de Hollywood. O seu nome de nascimento é *Timothy*, mas desde cedo que adotou a alcunha de *Tim* como nome artístico. Aos treze anos de idade, no início da década de 70, realizou uma *Stopmotion* à qual deu o título de “A Ilha do Dr. Agnor”.

Desde pequeno que tinha um especial gosto pela pintura, pelo desenho e pela sétima. Foi então que ao seu décimo sexto ano de vida que recebeu uma bolsa de estudos da Disney a fim de estudar animação no Instituto das Artes da Califórnia. Após o termino do curso foi contratado pela Walt Disney enquanto aprendiz, mas, infelizmente, o seu emprego na empresa chegou rapidamente ao seu fim. Segundo o diretor da produtora, os seus filmes eram demasiado sombrios e escuros, sendo esse o motivo para a demissão.

“*A Noiva Cadáver*”, “*Alice no país das Maravilhas*” e “*O Estranho Mundo de Jack*” são apenas alguns dos grandes títulos dirigidos por Tim Burton. Mas o verdadeiro filme que lhe impulsionou a carreira foi o “*Beetlejuice*” (Os Fantasmas Divertem-se) que foi premiado com um Óscar de melhor maquilhagem e cabelo.

Juntamente com outros prémios, Tim Burton foi apontado como um dos melhores realizadores que já passou por Hollywood e o que, até ao momento, apresenta das melhores animações lançadas.

Stanley Kubrick (1928-1999) foi outro diretor que cedo começou o seu percurso no mundo do cinema. Também durante a sua adolescência, aos dezassete anos de idade, trabalhou numa revista norte-americana na qualidade de fotojornalista. Era um trabalho que o remetia para os seus gostos de infância. Tal como o pai, que era médico, era apaixonado pela fotografia, por xadrez entre muitos outros hobbies.

O seu primeiro trabalho profissional veio a ser lançado alguns anos mais tarde. Em 1951, realizou um documentário de apenas doze minutos onde acompanhou a vida de Walter Cartier, desportista de boxe. Este breve documentário veio a ser publicado pela produtora *RKO* com o título de “*Day of The Fight*” (Dia de Luta).

A sua carreira cinematográfica ficou marcada por filmes mundialmente conhecidos sendo eles: “*O Iluminado*” 1980, “*Spartacus*” 1960, “*Uma Odisseia no Espaço*” 1968, entre outros. Ao dirigir estes filmes pode interagir com os mais diversos atores, dos quais muitos deles já tinham vários anos de experiência.

Stanley Kubrick foi sem dúvida um dos realizadores que marcou notoriamente a época dourada do cinema de Hollywood.

Steven Spielberg (1946) é um dos nomes mais conhecidos não só entre realizadores como também entre Estrelas relacionadas com o cinema. O seu talento enquanto realizador é inconfundível. Em casa, ainda durante a sua infância, filmava dos mais diversos filmes onde as protagonistas eram as suas três irmãs. Aos treze anos de idade venceu um concurso de curtas-metragens onde apresentou um filme de quarenta minutos sobre a guerra. Anos mais tarde, aos dezasseis de idade, realizou o seu primeiro filme intitulado de “*Amblin*” que veio a ser premiado no grandioso Festival Internacional de Cinema de Veneza.

O realizador norte-americano não acabou o seu percurso por aí. Mesmo tendo lhe sido recusada a entrada no curso de cinema na Universidade da Califórnia, o realizador não estagnou o seu percurso. Aos vinte e cinco anos de idade (1971) começou a trabalhar em Hollywood e foi aí que realizou títulos campeões de bilheteira.

O seu currículo conta com filmes como “*Jurassic Park*” (1993), “*Schindler’s List*” (1993) e “*Indiana Jones: Raiders of the Lost Ark*” (1981). Para além destes galardoados filmes, foi premiado com um Óscars de melhor diretor e um Óscar de melhor filme.

Claramente que **Quentin Tarantino (1963)**, pai do incomparável filme “*Pulp Fiction*”, não passaria ao lado na lista dos maiores realizadores de Hollywood. A vida deste autor foi marcada pela sua paixão pelo cinema, pelas suas aulas de teatro na adolescência e pelo seu trabalho de passagem pela empresa *Video Archives*. Na verdade, qualquer facto na sua vida já indiciava, de forma direta ou indireta, o grande nome que iria representar no cinema.

Para além de realizador, é também roteirista, posto que uma das suas obras foi vendida a uma empresa que mais tarde a produziu e obteve grande sucesso com a estreia da mesma. Hoje em dia, Tarantino é um dos realizadores mais relevantes que já passaram por Hollywood.

Martin Scorsese (1942), nasceu no ano de 1942 nos Estados Unidos da América, e tem uma larga prateleira de filmes realizados. – “*The Wolf of Wall Street*” (2013), “*Taxi Driver*” (1976),

“*Goodfellas*” (1990) e “*The Irishman*”(2019) não são apenas títulos conhecidos por todo o globo, como também títulos campeões de bilheteira e de notórios prêmios.

Mas, como é claro, tudo teve um começo e esse começo para Scorsese aconteceu precisamente quando ele tinha vinte anos de idade. Foi nessa altura que, ao produzir uma comédia em formato de curta-metragem, recebeu uma bolsa universitária para estudar cinema na Universidade de Nova Iorque.

Quando completou os estudos começou a gravar longas metragens, mas as primeiras não tiveram sucesso imediato. Só no ano de 1976, ao lançar o filme *Taxi Driver*, é que recebeu o prêmio *Palma de Ouro* do Festival de Cannes e o devido lugar na lista de melhores realizadores de Hollywood.

Atualmente é dos atores mais premiados e mais conhecidos do cinema norte-americano juntamente com os seus filmes.

James Cameron (1954) é o último realizador que vou abordar neste trabalho. Este realizador dirigiu filmes que, apesar de já terem sido lançados há mais de uma década, ainda fazem parte das conversas de café dos apaixonados pela sétima arte. – “*Avatar*”, lançado em 2009 e “*Titanic*”, filme de 1997.

Nasceu no norte do continente americano, mas não nos Estados Unidos da América. Foi no Canadá que deu os primeiros passos, mas, devido a uma reviravolta familiar, mudou-se para o estado da Califórnia, estado esse que já na altura era marcado pelas grandes produções cinematográficas.

Estudou filosofia, mas manteve-se sempre fiel à sétima arte. Abandonou o curso a meio e começou a escrever roteiros com fim de um dia poder vir a realiza-los.

O seu primeiro projeto foi uma curta-metragem de ficção científica que lhe abriu portas para o mercado de trabalho. Anos mais tarde já dirigia e lançava filmes de alto calibre que vieram a ser um sucesso nas salas de cinema.

Mesmo que esta lista nos apresente apenas seis realizadores de Hollywood, são muitos mais os realizadores que passaram pelos estúdios de Hollywood. Grandes filmes como *O Feiticeiro de OZ*, *A Origem* e *Casablanca* têm igualmente realizadores de renome, portanto, falemos agora um pouco destas suas obras.

Filmes

Apesar de nem todos os filmes valerem o dinheiro que neles foi investido, o cinema de Hollywood publicou inúmeros títulos como “*O Feiticeiro de OZ*”, “*Pulp Fiction*”, “*Casablanca*” e “*Back to the Future*”. Tal como estes filmes, ao longo do tempo vieram a ser acrescentados mais e mais títulos à grande lista de filmes produzidos na cidade do cinema.

Por esse motivo, assistimos à necessidade de os agrupar em breves listas que os subcategorizam. Posto isto, a lista de filmes que se segue tem como base a minha pesquisa e análise das diversas listas da subcategoria de melhores filmes de Hollywood.

(Título original – Título em Português (quando aplicável) – Realizador – Ano de estreia)

The Wizard of OZ – O Feiticeiro de OZ – Victor Fleming – 1939. Este primeiro título é bastante conhecido por uma grande parte da população. Trata-se de um filme de aventura, de fantasia e familiar, que pode ser visto quer por crianças quer por adultos.

A sinopse deste filme relata-nos a história de Dorothy que, juntamente com o seu animal de estimação, levantou voo num ciclone e foi parar à terra de OZ. Lá conhece novas personagens que, da mesma maneira que ela precisa de ajuda para voltar a casa, precisam de ajudam para realizar algum desejo.

O filme foi produzido pela *Warner Bros* e conseguiu alcançar um público além do esperado. Chegou a ser nomeado para 14 cerimónias distintas, no ano de 1940, sendo as mais importantes o Festival de Cannes e a *Academy Awards*, onde obteve uma palma de ouro e dois óscares, respetivamente.

Atualmente, o filme ainda é bastante conhecido contando já com cerca de 83 anos de história.

Casablanca – Michael Curtiz – 1942. Caso o filme tivesse sido lançado durante a última década, hoje descrevê-lo-íamos como um romance histórico, mas como foi lançado durante a segunda guerra mundial descrevemo-lo apenas como romance.

Casablanca conta-nos como, numa tentativa de fugir aos nazis, um triângulo amoroso veio a cumprir o seu destino: Marido, mulher e antiga paixão vêm-se agora a viver juntos na cidade com o mesmo nome do filme, Casablanca.

Os *Academy Awards* atribuíram a este filme um total de três prémios, sendo eles: Óscar de Melhor Filme; Óscar de Melhor Diretor; e Óscar de Melhor Roteiro Adaptado.

Pulp Fiction – Quentin Tarantino – 1994. Trata-se de um dos mais conhecidos filmes de Hollywood, contando já com aproximadamente 28 anos desde o seu lançamento. A produtora

Miramax gravou, editou e projetou pela primeira vez durante a década de 90 o que nos remete para os ideais americanos daquela época. A inigualável capa é um exemplo claro desse costume, traz-nos uma mistura de banda desenhada com cores chamativas – vermelho e amarelo.

Como se trata de um drama criminal, o filme gira muito à volta de um par de homicidas que trabalham a troco de dinheiro. A história vai se desenvolvendo à medida que mais personagens entram em cena, despertando a adrenalina na audiência.

A nível de premiação, podemos constatar que se trata de um dos filmes com maior número de prémios e de nomeações da sua época. Recebeu um total de 70 prémios e foi nomeado para receber outros 75, sendo que um dos prémios ganho é um Óscar de Melhor Roteiro Original.

Back to the Future – Regresso ao Futuro – Robert Zemeckis – 1985. Este filme, produzido por Steven Spielberg na *Universal Studios*, foi um filme tão bem aclamado pela crítica que deu origem a uma trilogia. *Regresso ao futuro* conta com um óscar de melhor edição de som, prémio que se junta aos restantes 21 recebidos e às 25 nomeações.

O filme, tal como o título já dá a entender, narra-nos a história de um cientista que finalmente descobre o segredo para viajar no tempo. Aqui, para testar a máquina, pede ao seu aprendiz para se encontrar com ele num certo local onde, pela primeira vez, o Homem iria visitar ora o passado ora o futuro. Todavia, os planos nem sempre correm como o esperado e é aqui que a vida de ambos foge do planeado

Nos dias de hoje, existem fãs que, apesar de terem nascido anos após o lançamento da saga, assistiram este filme e viram nele características inovadoras *futuristas*.

Inception – A Origem – Christopher Nolan – 2010. Lançado no início da década do décimo ano do século XXI, *A Origem* é o filme mais recente na lista dos 100 filmes mais marcantes de Hollywood apresentada pelo jornal online *Exame.com*.

Devido à sua atualidade é um filme que é transmitido pelo menos de seis em seis meses nos principais canais de cinema – Canal Hollywood, TvCines, etc. A história conta-nos como Cobb, personagem principal, consegue entrar na mente de diversos indivíduos e roubar-lhes os seus mais profundos segredos enquanto dormem. A verdadeira ação desta narrativa desenrola-se a partir do momento em que aceita a proposta de entrar da mente de um empresário japonês juntamente com mais três pessoas.

De todos os filmes que constam neste documento, este destaca-se como o que maior número de prémios e nomeações obteve. Conta com 220 nomeações e 157 prémios recebidos, sendo

alguns deles: Óscar de Melhor Fotografia; dois Óscares de Som; Óscar de Melhores Efeitos Visuais; e três *BAFTA Film Awards*.

Toy Story – Toy Story: Os Rivais – John Lasseter – 1995. Apesar de ser um filme de animação destinado maioritariamente para as crianças, *Toy Story* não deixa de ser um dos filmes melhor cotados a nível do ranking de Hollywood. Trata-se de uma coprodução entre a Disney e a Pixar que, tal como a trilogia de filmes do *Regresso ao Futuro*, teve tanto sucesso que mereceu um segundo, um terceiro e até mesmo um quarto filme.

A história deste filme é muito semelhante à dos restantes filmes de animação – curto, com ações e linguagem simples, chamativo e cheio de ação. Neste caso, o que difere mesmo é o facto de os brinquedos do Andy terem vida própria e, quando um novo brinquedo chega às mãos desta criança, a história muda por completo. Do sentimento de perda e desilusão, o que o filme nos transmite é essencialmente semelhante ao provérbio “A união faz a força”.

Conta, tal como referido, com 4 filmes tendo o último sido lançado no passado ano de 2019. Este primeiro filme que consta na lista de melhores filmes de Hollywood foi premiado com um total de vinte e sete títulos e nomeado para outros vinte e três. Contudo, não foi só o primeiro a receber dezenas de prémios. O filme lançado no ano de 2019, *Toy Story 4*, contou com sessenta e sete nomeações e cinquenta e sete prémios atribuídos sendo um deles o Óscar de Melhor Filme de Animação.

The Matrix – Lana e Lilly Wachowski – 1999. Esta produção, original da companhia dos irmãos *Warner*, leva-nos a julgar o que realmente queremos. No mundo onde tanto boas emoções como verdadeiros pesadelos podem surgir a qualquer momento, questionamo-nos se seria ou não bom viver num mundo onde apenas acontecia aquilo que quiséssemos que acontecesse. De forma resumida, o filme conta-nos como um jovem se viu preso num mundo irreal, um mundo criado por um “computador do futuro” capaz de gerir os pensamentos e as ações de cada pessoa.

O filme tornou-se uma lenda do universo de Hollywood dado que pôs a audiência com uma questão em comum: «preferia viver no mundo real ou irreal?».

No curriculum deste filme é possível constatar a existência de grandes prémios como: Óscar de Melhor Edição de Vídeo; Melhor Som; Melhores Efeitos Visuais; e Melhores Efeitos Sonoros. Para além destes 4 conta ainda com mais 38 prémios e 51 nomeações.

Avatar – James Cameron – 2009. Vencedor de três óscares, nomeado para cento e trinta e um prémios e vencedor de oitenta e nove, *Avatar* é um dos filmes mais aclamados pela crítica.

Esta narrativa acontece numa lua extraterrestre chamada de Pandora. Neste astro, o ser-humano pretende descobrir a existência de metais preciosos, mas a tarefa fica dificultada com a existência de um povo guerreiro característico pela pele azul e alta estatura. Além disso, o ar dessa lua não é respirável pelo humano, o que os leva à criação de avatares, criaturas híbridas semelhantes aos nativos, cujos pensamentos são definidos pelo humano que o controla.

Brevemente irá estreiar um segundo filme que já está a ser gravado. É uma produção entre a *20th Century Studios* e a *Lightstorm Entertainment*.

Titanic – James Cameron – 1997. Este segundo filme de James Cameron que consta nesta lista é o último que irá ser detalhado. *Titanic*, nome do filme que coincide com o nome do barco onde a ação decorre, é um filme inspirados em factos reais. No ano de 1912, na sua viagem inaugural, este barco de enormes dimensões colidiu contra um iceberg enquanto viajava até ao porto de Nova Iorque. O filme, então inspirado neste facto, acrescenta-nos o romance proibido entre um pobre artista e uma rapariga oriunda de uma família rica. Durante a viagem estes jovens vivem um dos melhores momentos da sua vida até que o inevitável acontece.

Trata-se de um filme da *Paramount Studios* juntamente com a *20th Century Studios* que conta com um elenco de renome contando com Leonardo DiCaprio como um dos protagonistas. A sua carta de premiações tem cento e vinte e cinco títulos atribuídos e outras oitenta e três nomeações. Os prémios de maior destaque são onze *Academy Awards* e oito *BAFTA Awards*.

Como é notório, aqui apenas foram descritos alguns dos filmes que, a meu ver, tiveram bastante destaque na história do cinema norte-americano. Vejo também que existem muitos outros títulos que são dignos de também serem referidos, são eles: “O Resgate do Soldado Ryan” (1998); “Dr. Strangelove” (1964); “Goodfellas” (1990); “A Lista de Schindler” (1993); “Mary Poppins” (1964); “Wall-E” (2008); “Os Caça-Fantasmas” (1984); e “O Rei Leão” (1994).

Estrelas

Hollywood não nos trás apenas filmes e realizadores. Por norma, quem dá cara ao filme – os atores – é quem fica, maioritariamente, com os créditos. Por esse motivo, a lista das três Estrelas que segue abaixo são, na minha ótica, as que mais impacto causaram a história de Hollywood.

Charlie Chaplin (1899-1977), um grande ator que teve uma infância marcada pelo abandono paternal. O pai era um ator e desde início que o abandonou, quanto à mãe, esta sofria de alguns problemas mentais que não a deixavam cuidar de Charlie com a devida atenção.

Sempre foi apaixonado pelo trabalho da progenitora, vê-la a cantar despertou-lhe a essência do mundo do espetáculo e, aos doze anos de idade, juntou-se a uma companhia de comediantes.

Aos vinte e cinco anos de idade, em 1914, foi-lhe dada a oportunidade de atuar numa comédia americana. Aceitou essa oportunidade e foi nela que teve o devido empurrão para o mundo do espetáculo. Criou a personagem “*Charlot – The Tramp*” (Charlot – O Vagabundo) e interpretou-a pela primeira vez na curta metragem “*Kid Auto Races at Venice*” (Corridas de Automóveis para Meninos). Esta personagem tornou-se a mais conhecida do seu percurso.

Marilyn Monroe (1926-1962) é sem dúvida uma das mais icónicas lendas do cinema norte-americano. A sua infância, à semelhança da de Charlie Chaplin, foi marcada pela ausência da figura paternal. A sua mãe era solteira e sofria de algumas doenças psicológicas que a tornaram incapaz de cuidar da filha. Assim sendo, Marilyn foi criada em orfanatos e com alguns amigos da família. Com cerca de onze anos foi morar com uma amiga de família que a acolheu até aos seus dezasseis anos. Como o marido da sua amiga de família pretendia mudar-se para outro estado e Marilyn não os podia acompanhar, viu-se na necessidade de casar com um vizinho que era pouco mais velho do que ela. Após o casamento, começou a trabalhar em fábricas e foi aí que conheceu o fotógrafo que proporcionou o seu lançamento enquanto modelo.

Foi pouco depois de ter iniciado a carreira no mundo fotográfico que pintou o cabelo para aquele tom que todos nós recordamos como sendo um ícone – o loiro claro encaracolado na perfeição. Chegou a ser contratada para aparecer na capa de revistas masculinas e, aos vinte anos de idade começou a dedicar-se a tempo inteiro à carreira de atriz, divorciando-se do marido.

Assinou contrato com uma agencia de atores e com a produtora *20th Century Fox*. Nesta produtora apenas gravou um filme onde interpretou uma personagem secundária. No ano a seguir ao lançamento do seu primeiro filme, Marilyn assinou um contrato com a *Colúmbia*

Pictures. Na *Columbia* atuou numa vasta série de filmes de pouca importância, o que a levou, ao final de seis meses, a regressar à *Fox*. O seu primeiro grande papel foi conseguido em 1950 no filme “*The Asphalt Jungle*” (*Quando a Cidade Dorme*).

Após a estreia desse filme, a sua carreira teve um crescimento exponencial. A sua sensualidade e o seu talento de fazer o outro rir levou-a a participar em novas comédias românticas como “Os Homens Preferem as Loiras” (1953) e “Como Agarrar um Milionário” (1953).

Casou mais duas vezes sendo que a primeira foi com um famoso jogador de basebol reformado e a segunda com um escritor. Contudo, nenhum dos três casamentos deu frutos terminando todos com o divórcio.

Marilyn, durante o pico da sua carreira artística, percorreu o mundo e atuou em diversas cidades. Contudo, a hora do seu fim chegou quando foi acusada de ser amante do presidente John Kenedy. Esta acusação causou-lhe uma depressão que a levou ao suicídio por overdose. *Um final à Hollywood.*

O seu último filme foi lançado em 1961 com o título de “*The Misfits*” (Os Inadaptados).

Morgan Freeman (1937) tem um curriculum tão vasto na história do cinema como a própria história do cinema. Enquanto ator conta com o seu nome em 141 créditos, na qualidade de produtor com 21 e 13 agradecimentos especiais.

No cinema norte-americano trabalhou como ator, produtor, realizador, dobrador e narrador. Nasceu no ano de 1937, filho de uma professora e de um bombeiro. Durante a sua infância passou a maior parte do tempo com a sua avó e, ainda em tenra idade, subiu ao palco pela primeira vez. Formou-se na Broad Street High School no Mississippi e quando acabou o curso recusou uma bolsa que o permitia ingressar no ensino universitário.

Fez parte da Força Aérea Americana, onde trabalhou como mecânico durante, aproximadamente, quatro anos. Foi viver para Los Angeles para estudar no *Pasadena Playhouse*. No ano seguinte, 1960, mudou-se para Nova Iorque onde se juntou a um grupo de teatro musical que levou uma peça a vários teatros dos EUA. Em 1965, Morgan participou no seu primeiro filme – “*Pawnbroker*” – onde representou um pequeno papel.

Continuou na indústria cinematográfica, passou pela televisão e voltou aos palcos de vários teatros. Foi representando pequenos papéis até que se tornou numa celebridade quando o filme “*Street Smart*” (Nova Iorque, Cidade Implacável) estreou em 1987. Foi com este filme que recebeu a nomeação dos *Academy Awards* para o prémio de melhor ator coadjuvante. A sua carreira teve então o impulso necessário para se tornar num artista de renome e assim foi. Continuou a progredir na carreira e hoje é um dos artistas mais premiados.

Segundo a plataforma digital IMDb, plataforma dedicada ao cinema mundial, Morgan Freeman irá entrar em mais oito filmes como ator sendo que sete ainda se encontram na fase de pré-produção e um com as filmagens já a decorrer. Estes oito filmes devem de estrear nas salas de cinema ao longo deste e do próximo ano de 2023.

Reflexão pessoal

Como conclusão deste trabalho, proponho um momento de reflexão sobre o que nos trará o cinema de Hollywood num futuro próximo.

Tal como dei a conhecer na primeira parte deste trabalho, o cinema começou por ser um jogo de interesses entre homens. Só quando uma força decide mudar as regras e deixar de pagar patentes é que, a meu ver, se conheceu o cinema como uma arte. Claramente que as grandes produtoras continuaram a manter um duelo de audiências, mas tratava-se de um duelo saudável que permitia a inovação e criação de novos filmes.

Todavia, por outro lado, o cinema atual apenas é produzido e criado para dar lucro às grandes empresas. A riqueza cultural que o cinema tinha passou para uma riqueza material e monetária. Vejo que já não se criam filmes por paixão como dantes, mas, em vez disso, criam-se filmes que vendem e conseguem chegar mais longe no mercado. As produtoras que marcam presença no meio digital – *Netflix, Hbo, Disney* – são essencialmente as mais nomeadas e talvez as mais premiadas nas grandes cerimónias por terem na sua posse o dinheiro suficiente para produzir tudo aquilo que lhes convém. Produções exageradas e com publicidade exorbita que, na verdade, não refletem o conteúdo do título. Vemos um bom grupo de atores e um realizador de renome, mas que tipo de filme é que realmente é? Aquele que esperamos uma coisa e sai-nos outra totalmente diferente.

Acontece isto nestas empresas, mas acredito que, infelizmente, a ganancia irá desconstruir o conceito de sétima arte, tornando o cinema num vulgar artigo de supermercado.

Amanhã, no próximo fim de semana, no próximo mês ou até no próximo ano perguntem-se se aquilo que estão a assistir é inédito ou tem padrões iguais aos de filmes de grande sucesso. Perguntem-se se a cerimónia de atribuição de Óscares – a mais conhecida mundialmente – tem títulos inovadores e futuristas na sua lista de nomeados ou se apenas são os filmes mais assistidos, independentemente da sua qualidade.

Tenho, por fim, a dizer que as respostas a estas perguntas não vão ser tão coloridas como as animações da *Pixar*.

Bibliografia

Pêra, Edgar (2013): *Hollywood: Estórias de glamour e miséria no império do cinema*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Grilo, João Mário; Batista, Tiago e Machado, João (2008): *Os Filmes da nossa Casa*. Almada: Mediateca da F.C.S.H. [Universidade Nova de Lisboa].

History.com Editors (2018): “Hollywood”. Disponível em [history.com/topics/roaring-twenties/hollywood](https://www.history.com/topics/roaring-twenties/hollywood) (consultado em 10 de março de 2022).

Marques, Mariana R.: “Cinema em Hollywood: A história completa”. Disponível em institutedecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa (consultado em 10 de março de 2022).

Abdo, Humberto (2017): “8 invenções de Thomas Edison que mudaram o mundo”. Disponível em revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/02/8-invencoes-de-thomas-edison-que-mudaram-o-mundo.html (consultado em 11 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2019): “Thomas Edison”. Disponível em www.ebiografia.com/thomas_edison/ (consultado em 11 de março de 2022).

Fuks, Rebeca (2021): “Os primeiros passos dos 24 maiores diretores de cinema de todos os tempos”. Disponível em www.ebiografia.com/primeiros_passos_maiores_diretores_cinema/ (consultado em 18 de março de 2022).

Feix, Giovana (2016): “Hollywood elege os 100 melhores filmes de todos os tempos”. Disponível em exame.com/casual/hollywood-elegeu-os-100-melhores-filmes-de-todos-os-tempos/ (consultado em 15 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2020): “Marilyn Monroe”. Disponível em https://www.ebiografia.com/Marilyn_monroe/ (consultado em 18 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2018): “Morgan Freeman”. Disponível em https://www.ebiografia.com/morgan_freeman/ (consultado em 18 de março de 2022).

Plataformas www.imdb.com e www.adorocinema.com para consulta de sinopses, elenco, prémios, nomeações e créditos referentes a todos os títulos, realizadores e autores mencionados neste trabalho.

P2 – Autor Internacional
James Cameron

A close-up photograph of James Cameron, an older man with white hair, smiling broadly and speaking into a microphone. He is wearing a dark grey button-down shirt. The background is blurred, showing a microphone stand and a blue water bottle.

utad

UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

James Cameron

Autoria de **João Costa**

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

2º Semestre – 2021/2022

Índice

Introdução	30
James Cameron - Biografia	31
Portefólio do cineasta	33
<i>Avatar, The Terminator</i>	34
<i>Aliens</i>	34
Prémios	34
<i>Titanic</i>	35
<i>Titanic – opinião</i>	35
Reflexão pessoal	37
Bibliografia	38

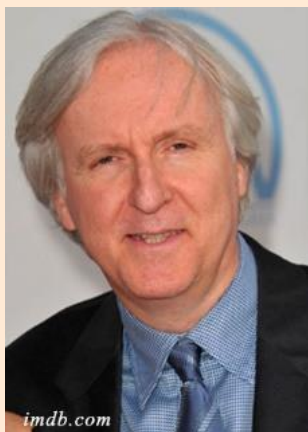
Introdução

Alguém sabe, em concreto, a quantidade de realizadores que já trabalharam no mundo do cinema? Duvido que alguém tenha essa exata noção. O universo cinematográfico está cada vez mais vasto e, desse modo, tão depressa contamos todos os realizadores da história e tão depressa voltamos ao início da lista porque, entretanto, juntou-se um ou outro novo nome.

Assim, acho necessário falar de quem realmente marca a história, mas não uma história qualquer. Neste trabalho, não me irei preocupar muito em quem marcou a história do cinema mundial, mas sim com quem marcou a minha história com filmes verdadeiramente impactantes.

James Cameron, foi então o eleito. Realizador e escritor de filmes como *Titanic* de 1997 e de *Avatar*, estreado em 2009. Ambos os filmes foram bem aclamados por parte da crítica e acabaram por ter bastante sucesso nas bilheteiras. Não obstante, como referi, o que importa é o sucesso que em mim tiveram e, de certo modo, ainda têm.

Biografia



James Francis Cameron nasceu em Kapuskasing, província de Ontário no Canadá, no décimo sexto dia do mês de agosto de 1954. Viveu a sua infância nesse mesmo local e, em 1971, mudou-se para Orange Country, na Califórnia, juntamente com os seus quatro irmãos e ambos os progenitores.

Na nova cidade, a sua rotina estava dividida entre o estudo autónomo de cinema e o curso de Física numa universidade californiana. Mas a paixão que sentia pelo cinema falou mais

alto e abafou a Física. Começou por escrever roteiros da sua autoria durante a noite enquanto que, de dia, trabalhava como condutor e camionista.

Foi só no ano em que se casou com Sharon Williams – 1978 – que dirigiu a sua primeira curta-metragem com Randall Frakes. Esta curta-metragem tinha o título de “*Xenogenesis*” e contava apenas com 12 minutos de duração. Foi durante a edição que James Cameron introduziu vários efeitos especiais e várias animações o que levou a que, em 1980, tivesse supervisionado os efeitos especiais num filme de Roger Corman.

Destes pequenos trabalhos na indústria do cinema, passou à sua primeira longa-metragem. Esta foi intitulada de “*Piranha Part Two: The Spawning*” (Piranha II – O Peixe Vampiro) e estreou em 1981. Todavia, este filme não correu totalmente como o esperado. Houve alguns desentendimentos entre James Cameron e os produtores o que fez com que ele tomasse a decisão de que, a partir daquele momento, só dirigiria filmes cujo roteiro fosse da sua autoria. Assim foi, em 1984 lançou o filme “*The Terminator*” (O Exterminador Implacável) que teve os custos bastante reduzidos, mas muito bem aclamado pela crítica chegando a receber diversos prémios.

No entanto, do realizador dos efeitos especiais e da ficção, estreou-se o filme “*Titanic*” (1997) – escrito e dirigido por James – uma ficção dramática e romântica que poucos efeitos visuais continha. Durante esta produção, os custos foram bastante superiores ao esperado, especulando-se que o filme iria ter prejuízo. O mesmo não aconteceu.

O seu outro grande sucesso veio doze anos depois, em 2009, com a estreia do filme “*Avatar*” que não só tinha uma nova tecnologia de criação de efeitos especiais como requereu uma vastidão de especialistas para criar o ambiente vivido no filme.

A sua lista de filmes quer dirigidos quer escritos é bastante ampla, contando já com incontáveis filmes publicados. Do outro lado, vemos também que são inúmeros os prêmios que James Cameron recebeu até ao dia de hoje.

Portefólio do cineasta

Um autor de renome conta sempre com um vasto portefólio de filmes ora dirigidos, ora realizados, ora escritos. Assim sendo, James Cameron não é uma exceção à regra.

Como a sua carreira conta com o seu nome em mais de 140 créditos, a lista que segue abaixo é apenas um exemplo das suas obras, em específico, as mais notórias, excluindo a obra que estudei pormenorizadamente, cuja análise está presente mais à frente neste trabalho.

(Título original – Título em Português (quando aplicável) – Ano de estreia)

Avatar – 2009 é o filme que nos conta uma narrativa entre dois diferentes astros. Foi quando o personagem principal, Jake Sully, ficou paraplégico num combate que o convidaram para substituir seu irmão gémeo que tinha falecido. A substituição era para o programa Avatar que pretendia levar seres híbridos, controlados pelo Humano, até à lua de Pandora. Lá, em Pandora, encontramos várias criaturas sendo as mais impressionantes os Na’Vi, uns humanos primitivos que têm uma capacidade física superior à de um humano. O filme ganhou três óscares e oitenta e seis outros prémios. James Cameron chegou ainda a ser nomeado para o Óscar de Melhor Diretor.

The Terminator – O Exterminador Implacável – 1984. Vencedor de apenas oito prémios e nomeado de outros seis, O Exterminador Implacável destaca-se quase como um dos filmes de maior impulso de carreira de James Cameron. Trata-se de uma narrativa futurista que acontece quando a guerra entre humanos e máquina chega ao seu fim. Vemos que o desenvolvimento deste filme parte do momento em que um android viaja no tempo para matar a mãe do futuro líder de uma das partes da guerra. Por outro lado, a sociedade humana tenta proteger essa mesma mulher e o futuro da Humanidade. O filme chegou a ter uma continuidade no filme “Terminator 2: Judgment Day” (Exterminador Implacável 2: O dia do julgamento), filme que venceu quatro óscares, 32 outros prémios e um total de 33 nomeações. A segunda parte estreou em 1991, há, aproximadamente, 30 anos.

Aliens – Alien 2: O Recontro Final – 1986 é uma outra obra de James Cameron que merece ser destacada. Esta produção da *20th Century Studios* e da *Brandywine Productions Ltd* foi premiada com vinte prémios e nomeada para outros trinta e três. Dos vinte prémios recebidos,

o maior destaque vai para o Óscar de Melhores Efeitos Visuais. Sumariando, a história conta-nos como, depois de um sono de cinquenta e sete anos, a única sobrevivente de uma tragédia espacial descobre o que aconteceu durante tanto tempo adormecida. Este filme é categorizado como ação e ficção científica.

Contudo, para além destes três filmes, James Cameron fez ainda parte da história e da produção de outros. Por esse motivo, passo a referir, muito brevemente, outros filmes deste autor:

- *Titanic* (1997) – diretor e escritor;
- *Piranha Part Two: The Spawning* (1981) – diretor e escritor;
- *The Abyss* (1989) – diretor e escritor;
- *True Lies* (1994) – diretor;
- *Strange Days* (1995) – escritor.

Prémios

Quanto ao mundo dos prémios, nomeações e à presença nas capas das revistas, James Cameron destaca-se com 75 vitórias e 69 nomeações. Não se trata de um dos autores mais premiados – Steven Spielberg conta com 195 vitórias – mas mesmo assim é, notoriamente, um grande artista. Recebeu o Óscar de Melhor Realizador, o de Melhor Fotografia e o de melhor Edição na cerimónia de 1998 com o filme “*Titanic*”. Chegou a receber dois *Primetime Emmy*, sendo um deles do ano de 2021, com o documentário “*Secrets of Whales*”. Por fim, relativamente aos *BAFTA Awards*, foi premiado, em 2010, com o filme “*Avatar*” com o título de Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Edição.

Titanic

A inconfundível história de amor retratada neste filme de James Cameron nunca é ouvida demasiadas vezes ao ponto de não a podermos ouvir novamente:

Um aventureiro artista e uma donzela noiva de um homem rico. Por sorte, durante um jogo de poker, *Jack Dawson* ganha um bilhete de terceira classe para embarcar na viagem inaugural do navio que era conhecido como inafundável. Quanto a *Rose*, podemos ver que ela sente-se sufocada pelos costumes das famílias ricas. Sente-se presa a um guia de costumes ao qual não pode fugir. Foi então que Jack conheceu *Rose* e *Rose* conheceu o Jack, um casal jovem e disposto a viver o melhor que podiam fazer naquele navio. Mas no final, a viagem que era unicamente de ida até Nova Iorque, acabou por parar a meio e, tal como todos sabemos, o *Titanic* nunca lá chegou a atracar.

Mas, em concreto, o que torna este filme o filme de renome de James Cameron e o que faz com que seja assim tão especial? Vejamos primeiro esta citação do blog adorocinema.com.

«Extremamente perfeccionista, Cameron criou um monstro. Gastou tanto para recriar com exatidão o *Titanic* que o filme ficou mais caro que o próprio navio. (...) [James Cameron] foi o responsável pelo longa-metragem mais caro já feito (...). Antes do lançamento, poucos acreditavam no sucesso. (...) As bilheteiras mostraram o contrário.»

Russo, Francisco: *Titanic – Críticas Adorocinema*. Disponível em adorocinema.com/filmes/filme-5818/criticas-adorocinema/ (consultado a 26 de março de 2022).

Assim sendo, o mérito de James Cameron não foi só conquistado através dos prémios recebidos com este filme, mas também com o exorbito montante de lucro que a produtora recebeu. *Titanic* não se trata de um filme qualquer, mas sim de uma celebridade das bilheteiras – o campeão do lucro mesmo estando perto do prejuízo.

***Titanic* – opinião**

Para além do breve resumo da narrativa que já descrevi acima, podemos igualmente constatar que neste filme *Rose*, personagem principal, recorda aquele que foi o momento mais impactante da sua vida. A nostalgia com que destaca cada palavra sobre aqueles dias, sobre

aquele navio faz-nos ver o filme com outros olhos. Por falar em olhos, os olhos da Rose, interpretada por Gloria Stuart e gravados num grande plano por James Cameron, remetem-nos para uma saudade infundável.

Quero tanto um dia poder recordar com igual alegria e igual saudade um momento justamente impactante que só com a escuridão da morte o esquecerei. Quem não quer sentir isto ao contarem a vossa história? Quais são os momentos que mais nos marcaram até ao momento e quais são aqueles que verdadeiramente queremos contar?

O filme não deixa as nossas emoções de lado, pelo contrário, ajuda a que eles nos sejam mais perceptíveis. É com a última cena, talvez a penúltima, que a história nos convence a deixar o materialismo de lado e a viver exclusivamente da memória.

Por fim, a última cena do filme, gravada num plano sequência, ainda nos deixa pensativos sobre o que é a morte. O reencontro com todas as personagens deixa-nos com o mundo nas mãos, sendo que metade dos que lá estão presentes, ficaram no mar.

Titanic não é só o barco que tragicamente se afundou no oceano nórdico. *Titanic* também não é apenas um filme campeão de bilheteiras nem um qualquer romance de Hollywood. *Titanic* é a reflexão daquilo que queremos viver e queremos recordar daqui a muitos, muitos anos. *Titanic* é sentir!

Reflexão pessoal

James Cameron um cineasta, James Cameron um escritor, James Cameron um realizador. Sim, é um ótimo autor! Um autor que fez a mim chegar dos melhores filmes, daqueles que põem qualquer um de nós a pensar e a refletir dias a fio depois de termos assistido o filme.

Ainda me lembro, em 2010, quando o *Avatar* estreou em televisão, de me sentar em família para o assistir visto que o meu irmão já queria ver fazia tempo. Lembro-me, de igual modo, de ficar estupefacto por ver aquelas criaturas híbridas – conseguidas através dos grandiosos efeitos especiais – parecerem tão, mas tão realistas. Por fim, anos mais tarde, vi que esta obra realmente tinha deixado uma marca em mim e que a necessidade de o voltar a ver e a rever era superior à vontade de assistir qualquer outro título.

Mais recentemente, assisti ao grande sucesso deste realizador. *Titanic*, como é possível ler na página anterior, foi um dos escassos filmes que me deixou a pensar sobre o verdadeiro significado da vida e, quando finalmente cheguei a uma conclusão sobre este assunto, voltei a ver o filme e fiquei ainda com mais incertezas.

Com isto, finalizo este trabalho reafirmando que James Cameron pode não ser um dos melhores realizadores do cinema mundial, todavia, ele e os seus filmes deixaram um grande impacto em quem quer que os assista.

Bibliografia

Pêra, Edgar (2013): *Hollywood: Estórias de glamour e miséria no império do cinema*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Frazão, Dilva (2017): “Biografia de James Cameron”. Disponível em ebiografia.com/james_cameron/ (consultado em 26 de março de 2022).

Fuks, Rebeca (2021): “Os primeiros passos dos 24 maiores diretores de cinema de todos os tempos”. Disponível em www.ebiografia.com/primeiros_passos_maiores_diretores_cinema/ (consultado em 26 de março de 2022).

Russo, Francisco: *Titanic – Críticas Adorocinema*. Disponível em www.adorocinema.com/filmes/filme-5818/criticas-adorocinema/ (consultado em 26 de março de 2022).

Plataformas www.imdb.com e www.adorocinema.com para consulta de sinopses, elenco, prémios, nomeações e créditos referentes a todos os títulos, realizadores e autores mencionados neste trabalho.

P3 – Autor Português
Pedro Costa

utad

UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

A close-up portrait of Pedro Costa, a man with grey hair and a beard, looking slightly to the right. He is wearing a dark suit jacket. The background is a light grey wall with some faint, large letters visible.

Pedro Costa

Autoria de **João Costa**
Licenciatura em Ciências da Comunicação
Imagem, Som e Narrativa Audiovisual
2º Semestre – 2021/2022

Índice

Introdução	42
Pedro Costa - Biografia	43
Portefólio do cineasta	44
<i>Cavalo Dinheiro, Juventude em Marcha</i>	44
<i>No Quarto da Vanda</i> , outros títulos	45
<i>Vitalina Varela</i>	46
<i>Titanic</i> – opinião	47
Reflexão pessoal	48
P3 - Bibliografia	49

Introdução

Fala-se em cinema, pensa-se em Hollywood. O cinema nunca se restringiu aos realizadores norte-americanos estando espalhado por todo o globo. Assumo que, ao longo dos primeiros dois trabalhos teóricos da unidade curricular em questão, foquei-me essencialmente no estudo de Hollywood e de um realizador que pertence a esse mesmo universo. Todavia, este terceiro trabalho vai abordar o cinema além Hollywood e dentro das fronteiras do nosso pequeno e humilde país.

Assim sendo, como tinha total liberdade de escolha de cineasta, optei pelo estudo de Pedro Costa. Nele vi um método de realização e produção totalmente diferente do que estava acostumado. Agir como um “lobo solitário” num império de comércio de arte pode ser visto como uma tentativa de suicídio, mas Pedro Costa mostra-nos o contrário sendo um autor português bastante bem-sucedido.

Por fim, mais à frente neste trabalho, irei analisar um filme deste autor referindo quer a narrativa quer o meu ponto de vista sobre o trabalho do autor e sobre o filme estudado em concreto.

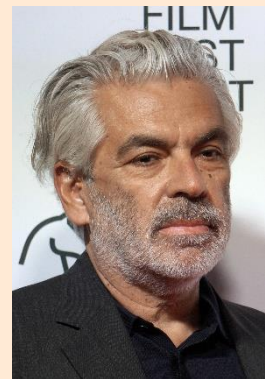
Biografia

Pedro Costa nasceu na capital portuguesa no terceiro dia do mês de março do ano de 1959. À data do seu nascimento, o progenitor já tinha bastante sucesso enquanto jornalista e realizador de televisão.

Primeiramente, dedicou-se ao Curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Contudo, após compreender que o cinema seria o seu futuro, os seus estudos no Instituto Politécnico de Lisboa, mais especificamente na Escola Superior de Teatro e Cinema, chegando a ter o cineasta António Reis como professor. Este professor influenciou, sem dúvida, o seu futuro percurso no mundo do cinema e ainda bem que o fez.

Iniciou a sua atividade na área do cinema ao lado de Jorge Silva Melo e de João Botelho. Porém, foi no ano de 1989 que realizou a sua primeira longa-metragem intitulada de “O Sangue”. Anos mais tarde, durante o início da década de 90, gravou o filme “*Casa de Lava*” em Cabo Verde. Foi neste país que os habitantes lhe pediram para entregar algumas cartas em Portugal, daí que o cineasta tenha sido conduzido até ao bairro das fontainhas, onde, mais tarde, viria a filmar um total de 3 longas metragens diferentes. Atualmente, Pedro Costa ainda grava algumas cenas nesse mesmo bairro, sendo que hoje encontra-se totalmente demolido.

O último filme a ser lançado pelo autor estreou em 2019 com o título “*Vitalina Varela*”, um filme por ele realizado e escrito em coautoria com Vitalina Varela.



Portefólio do Cineasta

Pedro Costa é essencialmente marcado por um estilo próprio de dirigir os seus filmes. A verdade é que estamos acostumados a presenciar uma vasta equipa de produtores, de escritores, deste e daquele departamento, mas os filmes do cineasta em estudo revelam exatamente o contrário. Com uma equipa reduzida ao fulcral, as obras de cinema continuam a ter a mesma qualidade e o mesmo mérito que as grandes produções de dezenas, talvez centenas, de trabalhadores.

Aqui em baixo, segue a lista das produções melhor conseguidas por parte de Pedro Costa, sendo que as três principais contêm a sinopse e algumas notas referenciadas.

(Título original – Ano de estreia)

***Cavalo Dinheiro* – 2014** é um dos mais recentes filmes estreados pelo cineasta. Neste filme, a paixão do cineasta pelo bairro das fontainhas falou, mais uma vez, alto o suficiente para ser o cenário das filmagens. Nesta narrativa, uma revolução tomou conta das ruas desse bairro; os habitantes, ao contrário do que parece, preocupam-se, na sua essência, em encontrar um homem perdido na floresta, dando assim, a ação dramática ao filme.

Obra escrita e dirigida unicamente por Pedro Costa, conta com vinte e dois prémios atribuídos e vinte nomeações, sendo os prémios de destaque o *Cinema Bloggers Award* de Melhor Filme Português, Melhor Diretor, e de Melhor Roteiro. O filme conta com Vitalina Varela como uma das protagonistas.

***Juventude em Marcha* – 2006** conta-nos como um imigrante de 75 anos que veio de Cabo Verde para cá, Portugal, reflete sobre a sua vida de trabalhador e dos dias de descanso que agora vive. Contudo, o descanso não dura durante muito tempo. Veio para Portugal pouco depois do regime de Salazar e, nesse preciso momento, vê o Bairro das Fontainhas, o seu bairro, a ser totalmente destruído por burocracias no novo governo.

Ao contrário do filme anteriormente apresentado, este título conta apenas com duas vitórias e sete nomeações no mundo das premiações, sendo um dos prémios o prémio *Andorinha Trophy* de melhor roteiro.

Uma das protagonistas deste filme é Vanda Duarte.

***No Quarto da Vanda* – 2000** é um dos grandes títulos deste autor português. A narrativa desta obra não é muito elaborada. Resumidamente, Vanda Duarte, protagonista, é uma jovem que

vive numa zona pobre da capital portuguesa. É dependente de certos químicos e de drogas o que a incomoda muito, tornando-a sensível a tudo que a rodeia. Mas, para piorar a situação e à semelhança do filme anterior, o bairro onde vive, começa a ser destruído pelo governo português.

Este filme é bem avaliado pela crítica contando com uma classificação de 7.1 na plataforma *imdb.com*, sendo também vencedora de sete prémios e nomeada para outros dois. O melhor prémio atribuído a Pedro Costa foi-lhe assegurado com este filme, sendo ele o *France Culture Award* do Festival de Cannes para o Cineasta Estrangeiro do Ano.

Outras obras:

- *O Sange* (1989) – Realizador e escritor;
- *Casa de Lava* (1994) – Realizador e escritor;
- *Ossos* (1997) – Realizador e escritor;
- *Vitalina Varela* (2019) – Realizador e coescritor.

Vitalina Varela

O mais recente filme do cineasta em estudo foi o filme por mim escolhido para ser analisado ao detalhe.

Desde já, antes de avançar para a sinopse, gostava de referir que o filme me surpreendeu, pela positiva, em vários aspetos sendo o mais notório que aqui o diálogo é quase nulo, em contraposição ao filme *Titanic* que analisei no último trabalho teórico. Por outras palavras, os personagens, quer principais quer secundários, apenas trocam raras mensagens orais. O pouco som que nos chega aos ouvidos é sons da rádio, de carros, do próprio vento e barulhos assim semelhantes.

Em suma, o filme em análise narra-se em prol da morte do marido da protagonista Vitalina Varela. Esta depara-se com inúmeros negócios pendentes e, a meu ver, abdicou um pouco do seu luto pessoal para resolver esses mesmos negócios. Sentindo-se triste por não ter tido a oportunidade de viver em Portugal, Vitalina decide reerguer a casa onde o seu marido viveu mesmo que tenha de vir a enfrentar qualquer tipo de obstáculos.

A obra foi realizada por Pedro Costa e protagonizada pela atriz que tem o mesmo nome que o filme, Vitalina Varela. Quanto ao roteiro, o mesmo partiu da junção dos dois artistas criando uma *screenplay* digna de ter sido nomeada para receber o título de *CinEuphoria* de Melhor Roteiro.

No mundo da premiação e do comercio de prémios, este filme chegou a ser nomeado para um total de trinta e quatro títulos e chegou a receber um total de vinte e três prémios. À semelhança do que aconteceu no ano de 2000/2001, Pedro Costa saiu vencedor com o Prémio Autores de Melhor Filme e com o *Silver Hugo* de Melhor Filme. Enquanto diretor, ganhou o *CinEuphoria* de Melhor Diretor. Vitalina Varela, por sua vez, recebeu na mesma cerimónia o mesmo prémio, mas na categoria de Melhor atriz.

***Vitalina Varela* – opinião**

«... a abertura de “Vitalina Varela” é algo que enfeitiça e hipnotiza. Tudo parece escuro, mergulhado na noite eterna (...). Alguém morreu, procissões solenes, vozes indefinidas e ruídos longínquos pintam-nos um retrato de luto cósmico, mesmo que ninguém pareça particularmente emocionado pela perda.»

Alves, Cláudio (2019): *Vitalina Varela, em análise*. Disponível em magazine-hd.com/apps/wp/vitalina-varela-critica-analise-pedro-costa/ (consultado em 29 de março de 2022).

Esta crítica ao filme em estudo reflete sucintamente e concretamente todo o monocórdico início do filme. A personagem principal só aparece um pouco mais à frente, cerca de três dias após o falecimento do seu marido, o qual, ninguém chora. Vitalina Varela ainda se questiona se o melhor a fazer não será voltar para o seu país natal, mas acaba por ficar na triste casa que outrora pertencera a seu marido. Este ato é, sem dúvida, um dos meus favoritos. Mostra poder de consciência perante uma sociedade que, na época, ainda era, a meu ver, extremamente conservadora.

Por fim, abordando generalizadamente a cor do filme, podemos comprovar que esta é tão, mas tão escura que facilita a compreensão das almas perdidas dos imigrantes em Portugal. Parece que cada indivíduo, cada personagem, está vazio, sem alma. Na minha ótica, daquilo que chegou até mim através da história de Portugal, este filme representa bastante bem o que era um povo que finalmente pode imigrar, mas não nas melhores condições. Devido a um “Zé Povinho” ainda tradicionalista, antiquado e, de certa forma, retrogrado, esse povo nunca teve a oportunidade de viver em condições ditas como humanas, acabando por se tornarem almas vazias.

Atualmente, numa guerra atual a leste da Europa, ainda há quem recuse refugiados que não tiveram outra alternativa se não fugir? Talvez ainda haja esse “Zé Povinho”.

Reflexão pessoal

Quando recebi a proposta de estudar um realizador português nunca me ocorreu a ideia de estudar Pedro Costa que, até então, era-me um nome totalmente desconhecido do mundo do cinema. Pensei em estudar Lionel Vieira ou grandes nomes como esse, mas verdade é que Pedro Costa surpreendeu-me e bastante.

Atualmente acho que vemos filmes só por ver. Não temos aquele ato singelo de nos sentarmos em frente da televisão para ver um filme ou de termos de ir até a uma sala de cinema para ver um filme. Vemo-nos presos a um tipo de filme em concreto só pela facilidade com que passam ilegalmente na internet, que passam em canais específicos desta arte e que passam nos inúmeros bombardeamentos de publicidade nas redes sociais a este ou àquele filme. Com isto, quero afirmar que o cinema não é aquilo que temos estereotipado nas nossas mentes, ou melhor, que a maioria da sociedade tem estereotipado. O cinema de Pedro Costa não tem quase contacto nenhum a nível de discurso. A maior parte do som que chega até nós são os ruídos propositados do autor para melhor descrever o ambiente.

Sem dúvida que esta é a marca deste artista e é uma marca que o distingue bem de, por exemplo, de Lionel Vieira que usa o cómico de linguagem para captar a atenção do espectador.

Um outro aspeto que quero salientar é, após a análise das fichas técnicas dos atores, constato claramente que, por norma, o elenco não varia muito de filme para filme. Um caso claro dessa situação é o de Vanda Duarte que participou em vários filmes de Pedro Costa e ainda tem um outro filme cuja protagonista tem o mesmo nome que ela. O mesmo acontece com Vitalina Varela

Por fim, só me resta aconselhar a verem filmes destes autores para fugirem à uniformidade de conteúdos abordados na maioria dos filmes. É verdade que apenas assisti o filme *Vitalina Varela*, mas, com certeza, que os restantes filmes me deixarão igualmente impressionado.

Bibliografia

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: *Pedro Costa*. Disponível em alumni.letras.ulisboa.pt/memorias-vivas/biografias/decada-70?id=735 (consultado em 29 de março de 2022).

Alves, Cláudio (2019): *Vitalina Varela, em análise*. Disponível em magazine-hd.com/apps/wp/vitalina-varela-critica-analise-pedro-costa/ (consultado em 29 de março de 2022).

Plataformas www.imdb.com e www.adorocinema.com para consulta de sinopses, elenco, prémios, nomeações e créditos referentes a todos os títulos, realizadores e autores mencionados neste trabalho.

A1 – Ficção e Documental

utad

UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

by Michael Nyman



by the Michael Nyman Band



Documental & Ficção

Autoria de João Costa
Licenciatura em Ciências da Comunicação
Imagem, Som e Narrativa Audiovisual
2º Semestre – 2021/2022

EIN FILM VO

JN DEN H
BRIGITTE HELM
ALFRED ABEL, RUDOLF KLEIN-ROGGE,
AN DER KAMERA • KA

Índice

Introdução	53
Enquadramento histórico	54
Conceitos Base	55
Estética	56
Produção	7
<i>Metropolis</i>	58
<i>O Homem com a Câmara de Filmar</i>	59
Reflexão pessoal	60

Introdução

Durante a história do cinema, é notório que existiram marcos históricos fundamentais para existir um cinema igual ao que existe hoje. Um exemplo claro disso foi quando Vertov nos apresentou o primeiro filme documental de sempre.

Assim sendo, esta primeira análise fílmica da Unidade Curricular realizada por mim pretende estudar o que veria de uma produção documental para uma fictícia. O que diverge em termos de estética e de imagem?

O estudo d'*O Homem com a Câmara de Filmar* e do filme fictício de 1927 *Metropolis* é algo fundamental para quem quer compreender a essência de ambas as tipologias de filme.

Enquadramento histórico

○ Documental

Dziga Vertov é o grande nome no mundo do cinema que introduziu a imagem documental na sétima arte, durante os últimos anos da segunda década do vigésimo século. As suas obras são dotadas de algumas características poéticas e outras políticas. Aliás, essas características políticas eram bastante comuns no cinema soviético. Por norma, o cinema da URSS era extremamente socialista e propagandista. O cinema foi ainda usado com o cariz de educar a sociedade que ainda era, em grande parte, analfabeta.

O filme “O Homem da Câmara de Filmar” foi a primeira grande produção documental da história do cinema. Esta não teve nenhum ator a contra encenar ou algum roteiro pelo qual o realizador se pudesse orientar. A primeira mensagem que aparece no filme é exatamente referente a isso, nenhum ator, nenhum estúdio nenhum cenário. Por esse mesmo motivo, a sinopse deste filme revela apenas aquilo que era a realidade: um operador de câmara sobre o processo de gravação, ou melhor dizendo, rodagem da fita.

○ Ficção

Metropolis, um dos filmes a ser analisado neste trabalho, é um filme expressionista proveniente da Alemanha, do ano de 1927. Surgiu numa época complicada, entre nove e dez anos após o fecho da primeira guerra mundial, onde os regimes totalitários começavam a tomar conta dos países europeus. Além do demais, este filme ainda veio a perder algumas cenas devido à censura que esses mesmos regimes políticos impunham sobre o cinema. Contudo, isto não impediu o filme de ter o sucesso que veio a ter juntamente com o passar dos anos.

Referindo agora as distinções entre a ficção e o documental daquela época, podemos dizer que são as mesmas que as atuais. A ficção, ao contrario do documental, cria uma história totalmente irreal e fictícia. *Metropolis* é um exemplo claro disso visto que, apesar de ter sido lançado no ano de 1927, o filme conta-nos uma narrativa que acontece no ano de 2026 onde, claramente, se visionava o futuro com objetos que não existiam, tecnologia que não existia e muitos outros aspetos que divergem com a realidade como a conhecemos

Conceitos base

○ do Cinema Documental

Tal como é do conhecimento geral, o cinema documental pretende, acima de tudo, descrever um facto verídico que tenha ou esteja a marcar a história do mundo. Esta tipologia de filmes baseia-se, essencialmente, em factos verídicos. Contudo, tal como cada indivíduo tem uma visão única sobre cada acontecimento, o cinema documental também descreve apenas uma visão dos acontecimentos vividos.

Conforme o que já referi anteriormente, volto a frisar que o roteiro é totalmente aberto ao realizador. Não existe, em circunstância alguma, um momento que tenha sido por ele previsto previamente. Por esse motivo, existem três universos que se entrelaçam: o do **realizador** que tenta descrever em filmagens aquilo que os seus olhos veem e o que a sua mente pensa; o do **filme**, que representa tal e qual aquilo que foi gravado; e o do **público** que apenas existe porque o do realizador e do filme existem. Este diverge dos anteriores porque cada espectador do filme terá uma percepção e uma visão diferente daquilo que assistiu.

○ do Cinema Ficção

A ficção trata-se, nada mais nada menos, de um jogo enganoso. O realizador, mesmo que se tenha inspirado em factos reais, falsificará sempre a história criando, assim, um universo imaginário. Neste tipo de filme, pode-se moldar quer o ambiente quer os elementos que compõem o filme a fim de termos uma narrativa conforme o planeado. É aqui que se pode simular e alterar a realidade conforme o que queremos, de forma a não ter qualquer consequência.

Desta forma, o cinema ficcional é apenas um conjunto de sons e imagens que revelam um teor fictício na nossa mente.

Por outro lado, o cinema ficcional também é usado como arma em prol do fim de certos estereótipos que não são aceites pela sociedade. A ficção quer e vai além das fronteiras para um mundo desconhecido e inovador, trazendo sempre o futuro para a frente.

Estética

○ Documental

O filme d'*O Homem da Câmara de Filmar* diferenciou-se de qualquer outro filme por ter uma boa montagem e uma exploração da imagem desconhecida até ao momento.

Como o ser humano têm a visão limitada, Vertov decidiu desenvolver uma nova estética, baseando-se nas escassas capacidades de visão do olho humano.

Este documental proporciona-nos uma experiência inédita com sons e imagens organizados de uma maneira tão cuidadosa que até consegue representar as mais simples impressões de um tema diverso. A constante repetição das imagens e o próprio som, que vai e vem, provocam no espectador uma curiosidade sobre o que acontecerá na seguinte cena.

Com este filme, nós, espectadores, conseguimos entender que um dia a dia na cidade naquela altura, não tem nada a ver com o dia a dia de hoje.

○ Ficção

Metropolis foi o jogo que Fritz Lang jogou e saiu vitorioso com uma realidade que, de todo, não existe. A estética deste filme faz-nos deparar com um universo extremamente sentimental. O uso de cores escuras que demonstram com clareza o desespero, a angústia e a revolta sentida em queremos saber o que irá acontecer nas seguintes cenas. Não há conversas, não há diálogo, apenas uma música continua que se intensifica nas cenas onde a emoção fica à flor da pele. É a música que dá vida às cenas.

Por outro lado, acontece que os enquadramentos, o tipo de plano e a forma como as próprias personagens se apresentam causam confusão ao espectador.

A situação dos trabalhadores na fábrica e o seu contínuo esforço trazem um grande impacto a quem vê o filme, sendo elas, um abre olhos para a sociedade.

Ainda referente à estética, podemos comprovar que, ao contrário do documental, aqui existe um guião e deve ser respeitado à risca quer pelos atores, quer pelo realizador. Por esse motivo, as imagens são fabricadas, divergindo das imagens reais do género documental.

Produção

○ Documental

O filme, apesar de não ter guião, tem algo ligeiramente diferente a que chamamos de pauta. A pauta é a pré-produção de qualquer filme documental onde nela constam os locais onde se pretende gravar. Contudo, ao se tratar de um guião totalmente aberto, o realizador deve ter cuidado em notar a existência de signos alheios ao filme. Já a pós-produção tem uma vasta liberdade em escolher quais imagens mais lhe convêm. Situações inesperadas, situações monótonas irão sempre existir, o que faz com que o papel do editor seja fulcral na conclusão da obra.

Para melhor organização do processo documental, existem três etapas que a produção necessita de seguir para concluir um bom filme: pesquisa; planeamento e argumento. Em suma, a pesquisa é referente à exequibilidade do filme, o planeamento requer a escolha de elementos técnicos e organização de burocracias e, por fim, o argumento que apresenta as possíveis editoras e financiadoras. A organização e o prévio planeamento do som também é um aspeto necessário e essencial sempre que pretendemos ter um bom filme.

○ Ficção

Seguindo o mesmo esquema da produção documental, a ficção também tem uma etapa de pré, pós e durante produção.

A pré-produção é a etapa onde criamos o guião e o roteiro detalhadamente. É aqui também que selecionamos o elenco e escolhemos que cenários pretendemos utilizar. A produção vai acompanhando as gravações e avalia se o roteiro está, ou não, a ser cumprido e, só no final, durante a pós-produção, é que o realizador avalia se está tudo conforme o seu querer e conforme o previsto.

O som torna-se mais uma vez um critério importantíssimo, uma vez que dá vida e emoção a todo o filme. No fundo, é o som que dita que emoções o espectador vai sentir.

Para concluir, é importante referir que os métodos utilizados nestes filmes com quase uma década de existência continuam a ser aplicadas em filmes atuais.

Ficção - Metropolis

O filme começa com mistério. É-nos apresentado inúmeros prédios altos e modernos que representam a grandiosidade de uma cidade. A música é agitada o que faz com que o espectador de exalte de curiosidade para saber o que vem a seguir o que vem ainda depois dessa cena seguinte. Devido à presença de carros, ruas estreitas, pontes suspensas e de elevadores, o espectador é levado a pensar que vive no futuro.

Como referi anteriormente, os filmes de ficção exploram além do conhecido, especialmente no combate aos estereótipos. Assim sendo, é notório que este filme não passou ao lado, criticando essencialmente a posição do sexo masculino sobre as mulheres e as crianças. Contudo, esse não é o único problema que este filme visa criticar. O medo de que o homem venha a ser substituído pela máquina é tão grande que as próprias personagens se sentem incomodadas, porém, ao aparecer um novo salvador, instala-se um novo mundo de esperança. Além disso, o amor é ainda abordado através de um jovem casal que, perdido de amores, os levam para a “guerra” dos operadores pondo-se à frente do progenitor de um dos jovens. Assim sendo, podemos concluir que o filme pretende-nos dizer que o Homem está destinado a muito mais do que aquilo que foi previamente definido.

Em suma, o filme encoraja o seu espectador a seguir um movimento de revolução contra qualquer tipo de opressão que o envolva. Claramente, pode não ter sido devido ao filme, mas realmente houve revoltas ao longo da história. Emancipações femininas, lutas contra homofobia, derrota do racismo, etc. Muitas delas sim, ainda existem, e ainda bem que existem.

Documental - O Homem com a Câmara de Filmar

O filme inicia-se no interior de uma cidade onde o principal foco são as pessoas e os objetos que se encontram em constante repetição de movimento, sendo que a música vai oscilando para diversificar a curiosidade do espectador.

O filme revela-nos que a camara de filmar veio para mudar o mundo. Tal como o desporto é uma fome quer para quem o pratica quer para o quem assiste, da mesma maneira que a higiene é necessária para haver qualidade de vida, do mesmo modo que a vida requer adrenalina, a sociedade precisa da máquina de filmar. A camara realmente veio a ter esse papel, e ainda bem que teve.

Para além do demais escrito, o filme representa ainda o ponto de vista da sociedade sobre si mesma. Aquilo que fazem consciente e inconscientemente. Não pretende representar nada mais além da vida quotidiana da sociedade russa tendo apenas uma personagem: o homem da máquina de filmar.

O filme surgiu para testemunhar que não é necessário atores para contar uma história, introduzindo assim um novo género filmográfico. Acima de tudo, o pretendido não é o foco num enredo em específico, mas sim no que verdadeiramente se passa naquela cidade. Por fim, o que importa não é o operador da câmara, mas a câmara no seu todo.

Reflexão Pessoal

Documental e Ficção, diferentes ou parecidos? Bem, a meu ver, a única semelhança que devem de ter é ambos exigirem uma máquina de filmar para ser gravado. Em relação aos restantes aspetos é notório que divergem, seguindo cada um o seu próprio método e caminho.

Todavia, considero que o cinema documental ainda está demasiado relacionado ao estereótipo de que todos os filmes documentais são aborrecidos e pouco produtivos. *O Homem com a Câmara de Filmar* mostra-nos exatamente o oposto. Mostra-nos que um bom filme documental é capaz de assegurar o olhar do público ao ecrã, mesmo as imagens sendo das menos apelativas possíveis.

Quanto ao filme *Metropolis*, vejo que sim, é um bom filme de ficção. Tal como referi na teoria, os filmes de ficção devem de conter mensagens que se oponham a opressões e este filme, este filme tinha isso e consegui prever que em 2026 viveríamos num mundo bastante melhor.

Com certeza vos garanto que a minha perspetiva sobre ambos os filmes vai de desencontro com a vossa, mas acredito que, caso voltasse a ver qualquer um dos filmes, a minha também iria mudar.

A2 – Citizen Kane

EVERYBODY'S TALKING ABOUT IT!

It's Terrific!

utad

UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

ORSON
WELLES

CITIZEN
KANE

«*Citizen Kane*»

Autoria de João Costa

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

2º Semestre – 2021/2022

The Mercury Actors

JOSEPH COTTEN

DOROTHY COMINGORE

EVERETT SLOANE

RAY COLLINS

GEORGE COULOURIS

AGNES MOOREHEAD

PAUL STEWART

RUTH WARRICK

ERSKINE SANFORD

WILLIAM ALLAND

*“Ignorance, ignorance, sheer
ignorance—you know there's
no confidence to equal it. It's
only when you know
something about a profession,
I think, that you're timid or
careful”*

~

Orson Welles

Índice

Sinopse	65
Enquadramento histórico	66
Produção	67
<i>Técnicas de Produção de Imagem, Som e Imagem</i>	67
<i>Análise da Estética Desenvolvida</i>	68
Mensagem do Filme	69
Reflexão Pessoal	70

Sinopse

Este filme, que marcou o cinema-mundo, retrata a vida de Charles Foster Kane, um cidadão norte-americano que foi inspirado em William Randolph Hearst, homem de grande importância da imprensa norte-americana.

Quanto à narrativa da história, o filme acontece como uma crítica à imprensa sensacionalista.

Enquadramento Histórico

Além dos diversos conflitos armados que arcaram o decorrer do século XX, o cinema não estagnou. Com isso, *Orson Welles* escreveu, produziu e dirigiu o filme *Citizen Kane* que estreou precisamente durante o período da emigração em massa para os Estados Unidos da América.

Contudo, não é só pela data invulgar de estreia deste filme que este se destaca dos seus contemporâneos. *Citizen Kane*, é a crítica do controlo supermassivo de conhecimento que foge da linearidade que os filmes costumam ter, tornando-se assim, num filme imprevisível. O jornalismo sensacionalista é um dos grandes focos de crítica que o realizador quis emancipar, mostrando-o como um foco de desinformação e de jogo de poder e de negócios.

Aos olhos dos amantes de cinema, este filme é considerado uma tentativa de começar um novo estilo cinematográfico, sendo ele uma mistura de várias técnicas, unificadas numa só. Chegou a ser considerada uma obra inovadora, e radical.

Produção

Técnicas de Produção

A imagem deste filme é essencialmente marcada pelas suas divergências com os restantes filmes da época. Por esse mesmo motivo, Gregg Toland, diretor de fotografia do filme *Citizen Kane*, quis trabalhar com Welles para explorar esses novos planos e novas técnicas.

Os primeiros experimentos realizaram-se da forma mais económica possível, sendo estes capturados dentro de uma antiga sala de projeção de um dos estúdios. Já as seguintes cenas, foram gravadas num club noturno onde a equipa de realização prevaleceu durante 10 dias. Além desses dois cenários, Wells gravou ainda em dois outros cenários que foram usados para a produção de dois outros filmes. Contudo, a primeira cena oficial a ser gravada foi o plano sequência do café da manhã entre Kane e a sua esposa.

Visto que se tratava de um filme fora do comum, os produtores da RKO ficaram reciosos com o sucesso do filme, portanto, para economizar o dinheiro da produtora, Wells ensaiou inúmeras vezes antes de colocar a câmara a filmar.

Quanto ao som, podemos constatar que estes se igualmente desviavam dos padrões básicos do cinema de Hollywood. Havia quem afirmava que estes padrões base não poderiam ser ultrapassados, mas Wells mostrou o contrário e provou que o desvio era possível.

Trata-se de uma banda sonora complexa e chega a aparentar ter sido manipulada, todavia, o áudio ouvido é o original gravado por Bailey Fester – posteriormente regravado pelo engenheiro James Stewart.

Tal como na rádio, a produção utilizou técnicas de sobreposição de vozes e de diálogos que eram maioritariamente utilizadas pelas principais estações. Com o uso desta técnica, podemos afirmar que Wells conseguiu alcançar aquilo a que posso comparar e chamar de Dolby Atmos da década de 40, uma vez que o som aparentava ter profundidade. Todos os efeitos sonoros foram da sua autoria, descartando a utilização dos da biblioteca da produtora.

No espaço da montagem, uma das técnicas utilizadas foi usar uma sequência episódica no mesmo cenário, enquanto os atores trocavam de roupa e maquilhagem nos bastidores. O filme continha longas dissoluções com o propósito de expressar a longa passagem do tempo e do seu efeito psicológico. Um exemplo claro dessa situação é como na cena em que o tremó abandonado fica coberto de neve depois que o jovem Kane é mandado embora com Thatcher.

Certos historiados do cinema acreditam de Welles foi influenciado pelas teorias de edição de Sergei Eisenstein que usava cortes estridentes que causavam grandes contrastes gráficos. O editor deste filme foi Robert Wise com a assistência de Mark Robson, mas podemos afirmar que todas as ideias de edição foram instruídas por Welles.

Análise da Estética

O foco profundo prolongado é um dos aspetos mais inovadores do filme. Primeiramente, isto conseguiu-se através de experiências com lentes e iluminação e, através do foco central, foi possível fotografar as diversas ações num raio bastante vasto.

Foram usadas câmaras em ângulos baixos voltadas para cima, fazendo com que alguns tetos aparecessem nas filmagens. Aléas, Welles foi o primeiro realizador de Hollywood a mostrar o teto de um estúdio de gravações. Foram estes ângulos que lhe trouxeram um novo fascínio, fazendo com que grande parte das cenas terem sido gravadas de um angulo baixo.

Welles rejeitou aquilo a que intitulamos de narrativa linear. Decidiu contar a história do personagem principal única e exclusivamente através de analepses e flashbacks. Além disso, neste filme existia mais do que um narrador, sendo a história contada por inúmeras personagens (técnica que não era utilizada nos filmes de Hollywood). Cada um dos narradores contava uma parte diferente da vida de Kane, sendo que uma história sobrepunha outra e outra e outra.

Mensagem do Filme

O filme é marcado pela descoberta do ódio. Ódio esse referente aos negócios sujos, ao egocentrismo, à corrupção e à manipulação que existem no mundo jornalístico. O público, que se deslocou até a uma sala de cinema para ver este filme acabou por sair de lá com uma profunda repulsa e com a sensação de que tudo aquilo que sabiam simplesmente poderiam ser fruto de um prévio jogo de negócios.

O legado da vida de Charles Foster Kane é, sem sombra de dúvida, o foco essencial deste filme. Com isto, Welles procurou descrever toda a sua história de vida começando o filme com uma prolepse do dia da sua morte. A fim de descobrir o significado das suas últimas palavras, são entrevistados aqueles que lhe eram mais próximos. O que acabamos por descobrir é que a vida de Kane era monótona, aliás, uma típica vida de um homem solitário. Desde pequeno viu-se na obrigação de seguir a vontade dos outros, mesmo quando ninguém se interessava por ele. Por fim, já na conclusão da intriga é que se descobre que “Rosebud”, a sua última palavra, era o nome do seu trenó que o remetia à única época feliz da sua vida.

Em suma, a mensagem do filme, a meu ver, é que o dinheiro não compra a felicidade. Kane passou de um homem rico, para um homem pobre e que, ao longo da sua vida, não teve o mais importante - o carinho de uma família.

Reflexão pessoal

O filme *Citizen Kane* é um filme que, tal como podemos ver, marcou a história do cinema. Deste modo, vemos que a sua marca histórica está presente na inovação da música, da fotografia, das novas técnicas e da inovadora estrutura narrativa.

Foram usados ângulos pioneiros e Welles foi o primeiro a mostrar o teto do cenário num filme de Hollywood.

A meu ver, este filme só comprovou que, ao regeremo-nos ao normal, nada se inova nem nada de renova. Foram encontradas novas técnicas, foram implementadas outras, foi usada uma mistura tão incomum de aspetos que o resultado só poderia ser desvendado de lupa a cada frame. Contudo, o mesmo não aconteceu. Welles conseguiu inovar e criar um filme que mudou a maneira como a imprensa era vista. Aquele universo de prestígio que o jornalista tinha, passou a ser olhado como realmente era: negócios sujos e manipulações.

Assim sendo, só me resta afirmar que o filme *CITIZEN KANE* realmente é um filme que marcou a história do cinema e que, de certa forma, ainda a marca contando já com 81 anos de existência.

A3 – Nós, Portugueses

utad



“*Nós, Portugueses*”

Autoria de João Costa
Licenciatura em Ciências da Comunicação
Imagem, Som e Narrativa Audiovisual
2º Semestre – 2021/2022

Índice

Nota inicial	74
Sinopse e Detalhes	75
Estética e Mensagem Desenvolvida.	76
Reflexão Pessoal	77
Bibliografia	78

Nota Inicial

Com este presente trabalho, pretendo não só aprofundar os meus conhecimentos no mundo do audiovisual como também procurar novas técnicas e novas abordagens para o meu projeto final – (título a decidir). Encontrei este projeto da RTP através de algumas sugestões de colegas universitários e descobri que era o filme pretendido visto que um dos temas abordados é um que também pretendo abordar.

Sinopse e Detalhes do filme

Sinopse:

Transcrito de www.rtp.pt – « Desde 1982 que as mulheres portuguesas deixaram de ter o número de filhos capaz de assegurar a renovação geracional, um facto que as migrações dificilmente conseguirão compensar. A população portuguesa concentra-se hoje nas cidades do litoral, o que cria constrangimentos para os seus habitantes, mas também para os que vivem num interior cada vez mais despovoado. Perante tais desafios, como será a demografia portuguesa nas próximas décadas?

"Nós, Portugueses" é uma série documental que tem como objetivo refletir sobre aquele que será o futuro do país, traçando um retrato de Portugal e dos portugueses daqui a dez anos. Filmada em todas as regiões do país e ilhas, a série conta com o apoio científico da Pordata e da Fundação Francisco Manuel dos Santos e é conduzida pelo jornalista Carlos Daniel. »

Trata-se de uma produção RTP e da Fundação Francisco Manuel dos Santos do género documental cujos autores são Pedro Clérigo e Tânia Reis Alves. Foi uma série de dois episódios com um total de 48 minutos emitida pela produtora para o território abrangente pela TDT e nos meios digitais durante o ano de 2020.

Estética Desenvolvida

A série documental foi gravada quer em ambientes fechados quem em ambientes abertos, ou seja, a luz ia variando de natural para artificial e vice-versa, de forma constante. Contudo, devido à boa qualidade de imagem e de bons ajustes da luz, o filme parece ter uma continuidade não havendo quebras na captura de luz e imagem. Quanto à cor, podemos constatar que a mesma não é muito intensa mantendo-se em registos mais pastel e menos concentrados.

A banda sonora está presente ao longo dos diversos relatos e durante todas as restantes cenas do filme, na verdade. O som remete-nos para os típicos instrumentos utilizados na música portuguesa.

No que diz respeito à edição deste documentário, conseguimos afirmar que está bastante bem editada e realizada. Os cortes foram feitos no momento certo e logo de seguida são acompanhados por planos sequência da natureza.

Sumariando a parte técnica, podemos afirmar que todo o projeto está bastante coeso e existe uma certa fluidez nos relatos e na voz-off.

A mensagem que o filme nos transmite é referente a todos os desafios que os portugueses, demograficamente, tiveram de passar. Além disso, é nos relatado ao detalhe os factos e as consequências de cada acontecimento importante para provocar qualquer mudança na demografia. De pois de explicar com pormenores o passado, o documentário mostra-nos ainda o que poderá vir a acontecer num futuro próximo levando em consideração as tendências da nossa população atual.

Reflexão Pessoal

Conforme o que referido na nota inicial, o meu principal objetivo foi sempre buscar algumas referências para o meu projeto final.

Após a conclusão da análise deste documentário, posso afirmar com clareza que foi bem conseguido. Posso afirmar que me apercebi de certas técnicas de edição que, de certo modo, pretendo utilizar no meu próprio filme. Para além do referido, ver um tema que pretendo abordar – 25 de abril - a ser abordado por profissionais, deixa-me um pouco tímido, mas acredito que não seja fator limitador do meu projeto.

Quanto à narrativa do filme, afirmo que fiquei com um maior conhecimento referente à demografia do nosso próprio país. Espero, sinceramente, que Portugal supere as expectativas e que não diminua p seu nível populacional.

Bibliografia

RTP (2020): “Nós, Portugueses – Nascer para não Morrer”. Disponível em www.rtp.pt/programa/tv/p38449 (consultado em maio de 2022).

Exercícios Práticos

E1 – Criar com a Luz

Ângulo



Picado

Normal

Contrapicado

Composição

Centralizados



Lateralizada Esquerda



Lateralizada Direita



Regra Aura e Terços



Diafragma



f3.5

f10

f22

Escala



Plano Geral



Plano Médio



Plano Pormenor



Grande Plano

Exposição

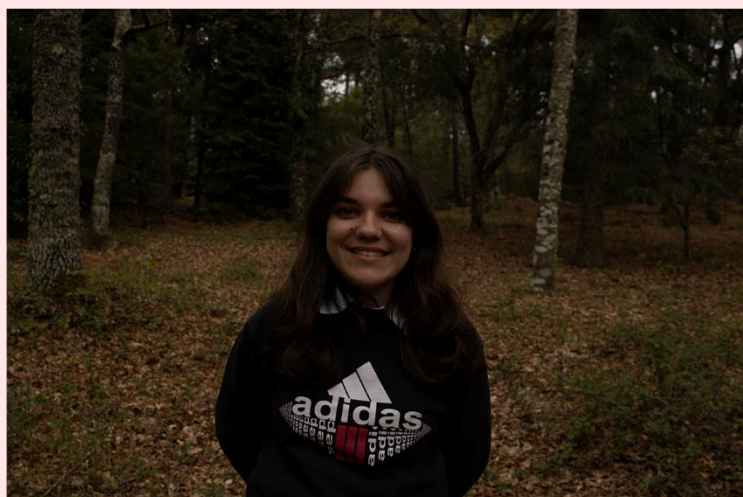


Pouca

Normal

Muita

ISO



100

3200

400

Luz



Artificial



Refletida



Incidente

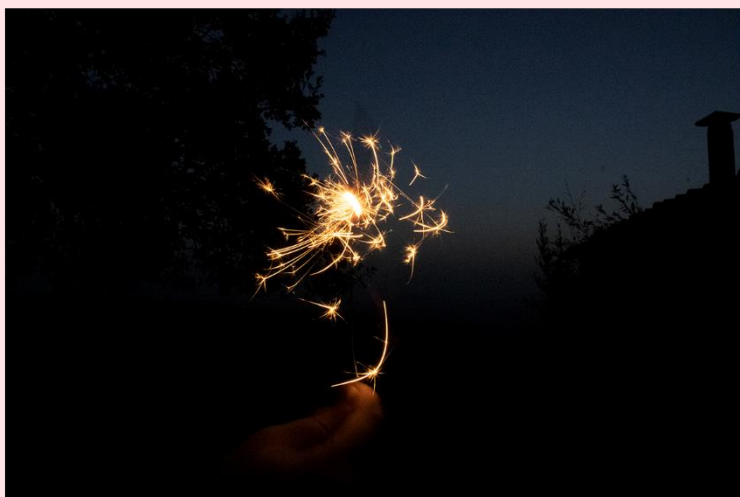


Natural

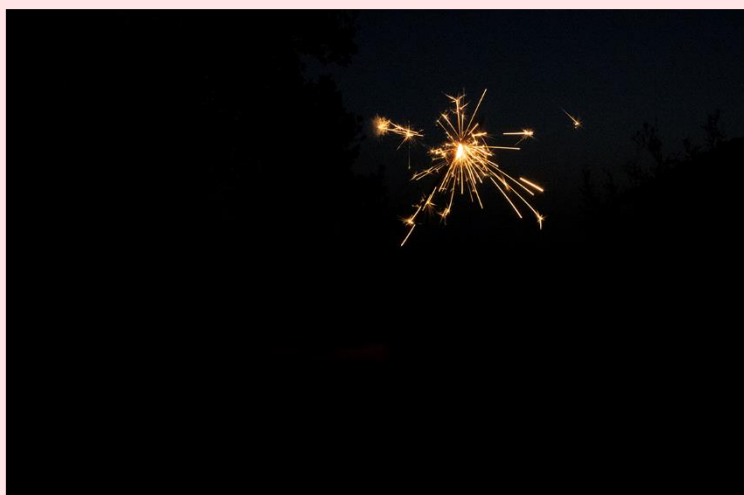
Velocidade de Obtenuração



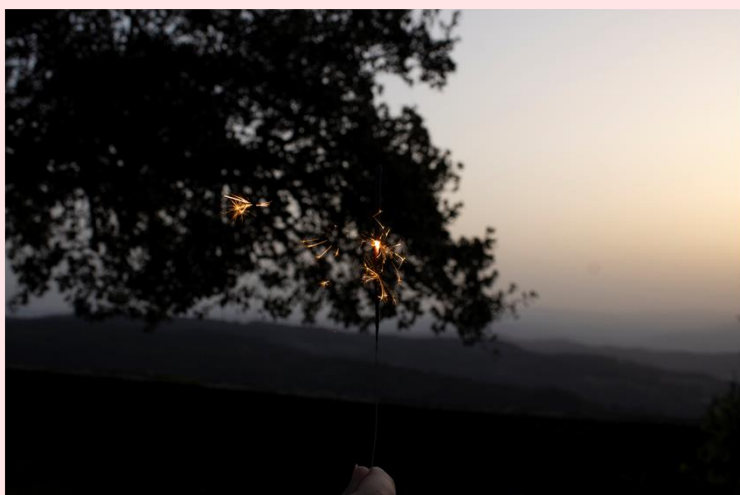
1/6



1/30

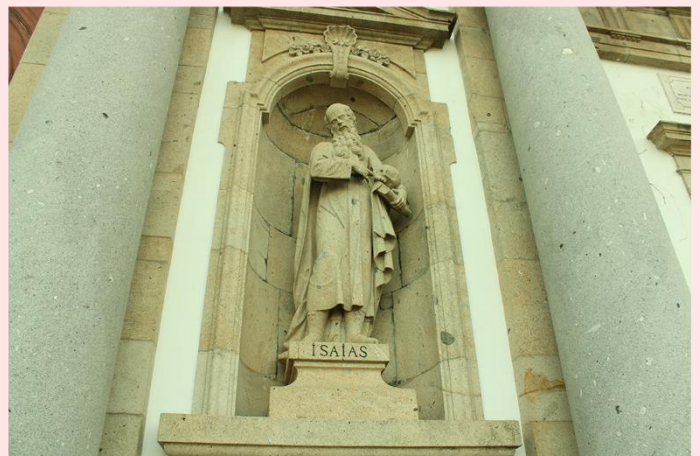


1/80



1/250

White Balance



Criativo

P
a
i
s
a
g
e
n
s



P
r
o
f
i
s
s
õ
e
s



Criativo

V
i
l
a



R
e
a
l



R
e
p
o
r
t
a
g
e
m



E2 – O Tempo e o Movimento

Guião de Voz-off



Tempo e espaço são os dois universos que tomamos por garantido sem nessagarantia pensar.
Já viram o quão rebelde é ignorarmos o tempo? Vejamos o poema de Mário Quintana:

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas! Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano... Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada einútil das horas...
A única falta que terá será a deste tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Assim, o melhor que temos a fazer é aproveitar o que o tempo nos proporciona e passar esse mesmo tempo com as pessoas que o espaço nos cruzou.



Vídeo final:



Vídeo experimental:



Vídeo final disponível em: <https://youtu.be/plgK6aSZtHw>

Vídeo experimental disponível em: <https://youtu.be/lgc6nf6S11U>

E3 – Memória Sonorizada

Momento 1 – primeira fotografia:



Momento 2 – segunda fotografia:



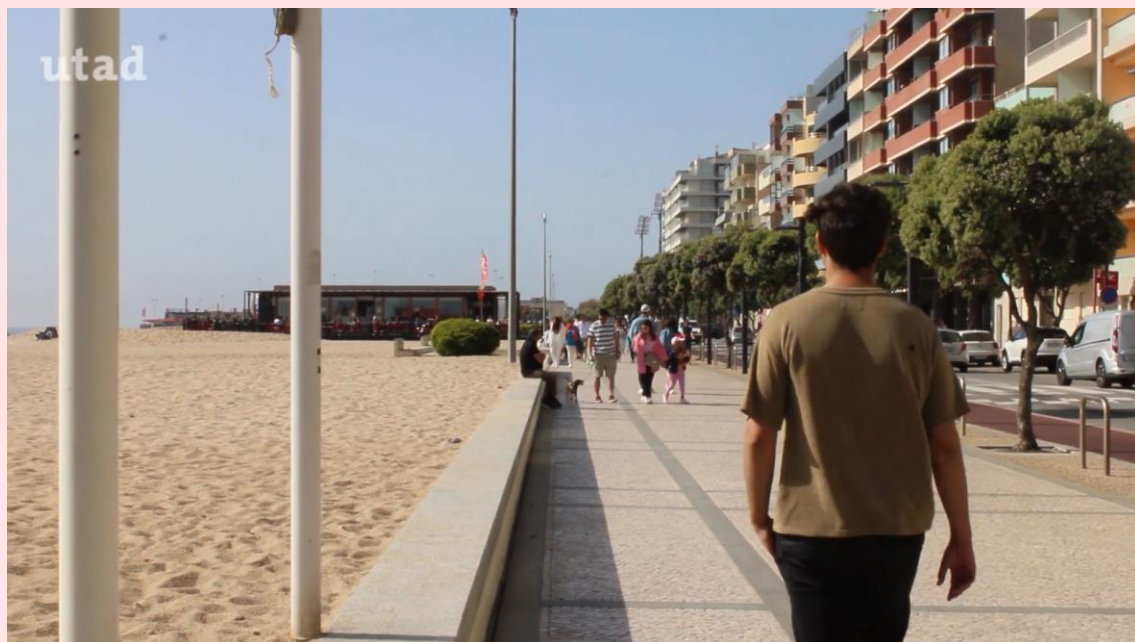
Momento 3 – fotografia/vídeo:

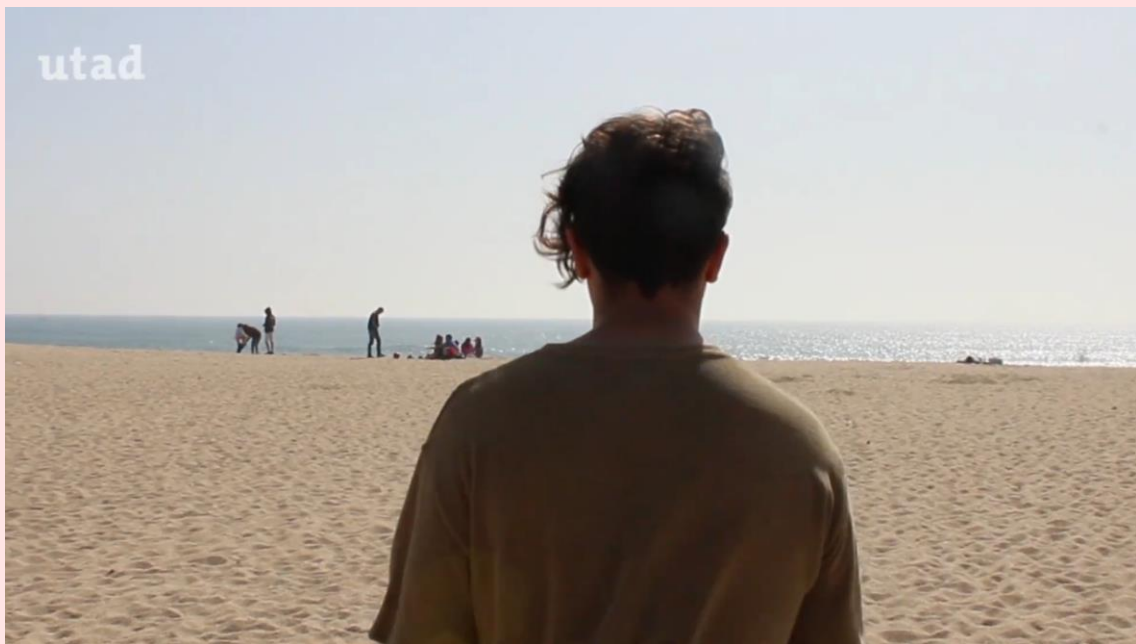


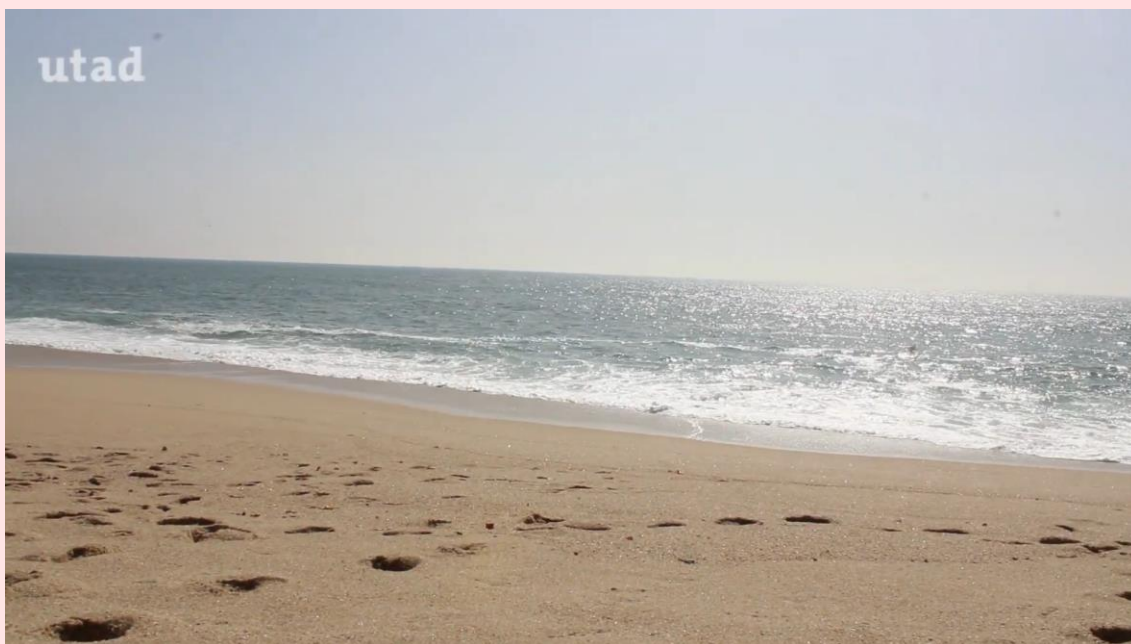
Disponível em: <https://youtu.be/A7KcwYQcs0M>

E4 – Continuidade Narrativa

As imagens que se seguem são os vários frames do resultado final do vídeo sobre continuidade narrativa. Os mesmos organizam-se conforme a ordem cronológica de aparição no vídeo final.







Disponível em: <https://youtu.be/a9BTG5QE5LY>

E5 – Autorretrato

Guião de Voz-off



Bem, olá a todos, eu sou o João, mas Joões há muitos, não é verdade? Portanto, quem sou eu?

Nasci em maio de 2003 no coração de Braga. Cresci e vivi a minha infância um pouco por todos os cantos desta cidade. Lembro-me de em pequeno adorar as incontáveis escadas do santuário do Bom Jesus e de passear durante as tardes de domingo com o meu pai ou com a restante família.

A verdade é que o tempo vai passado e, sem dar conta, acabo por me mudar para Vila Real em outubro do ano passado. E melhor não me podia ter acontecido. Estudo aquilo que sempre sonhei; conheci pessoas incríveis; e vivenciei muito, mas mesmo muito.

A literatura e o cinema não passam ao lado. Sempre fui apaixonado por histórias ficcionais, quer no ecrã quer no papel.

A música também é algo que me define e que bem que me define. Sou produto de uma mistura incomum de géneros: o lado pop da Lady Gaga e o lado mais rock dos Pink Floyd. Chopin é o meu outro ídolo, mas da música clássica.

Uma outra paixão minha surgiu enquanto estudava artes visuais no ensino secundário: A moda e o Design. Hoje em dia não me vejo da mesma maneira se de manhã não me preocupar com o que hei de vestir ou como tenho o quarto disposto.

Considero-me extrovertido, afetivo, comunicativo, criativo e eloquente. Às vezes um pouco teimoso também, mas deixemos isso de lado.

Aliás, esqueci-me de referir a minha organização que é tanta que planeio um dia poder gabar-me de tudo aquilo que vivi e nunca mais ter medo de uma morte triste sem recordações nem vivências.

Este sou eu, e tu, quem és?



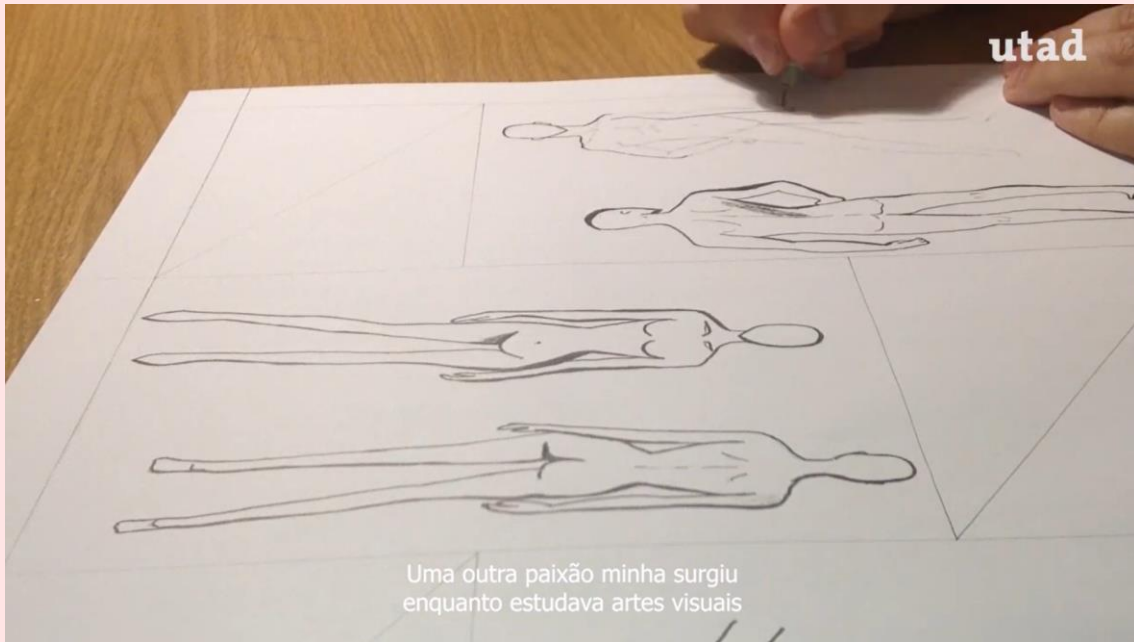
As imagens que se seguem são os vários frames do resultado final do vídeo sobre continuidade narrativa. Os mesmos organizam-se conforme a ordem cronológica de aparição no vídeo final.

Auto-retrato

João Costa







Disponível em: <https://youtu.be/8JGWMgxOefM>

Projeto Final

Dossiê de Produção

Dialetos Perdidos

utad



Maria Assunção Domingues Pereira

Realização, Edição e Montagem: João Costa – Operadores de Câmara: João Costa e Guilherme Monteiro
– Som e Banda Sonora: João Costa

Licenciatura em Ciências da Comunicação – Unidade Curricular de Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

Índice

«Dialeto Perdidos»

Capa	111
Sinopse	113

Pré-produção

Nota de Intensão	114
Storyline	114
Storyboard	115
Guião de Intensão	116
Storyguide	117

Produção

Guião Técnico	118
Rodagem	119
Guião de Montagem	120

Pós-produção

Resultado Final	121
Divulgação	122

Reflexão Pessoal	123
-------------------------------	-----

Bibliografia	125
---------------------------	-----

Anexo	126
--------------------	-----

Sinopse

D. Afonso Henriques a apoderar-se do condado portugalense, conquista de Ceuta, naufrágios a caminho da Índia, Luís de Camões, D. Sebastião – o desaparecido, Eça de Queirós, Fernando Pessoa.

Foram muitos os marcos e inúmeras as personagens que marcaram a história de Portugal. Mas foi apenas durante o século XX que Portugal deparou-se com uma das suas fases mais difíceis. A ditadura de Salazar foi um período tão negro que ainda hoje causa pesadelos àqueles que sobreviveram a tal desfortúnio. Desde a exorbitante liberdade dos professores em sala de aula, passando pela fome e com término no grandioso 25 de abril de 1974.

Mas como foram passados estes marcos longe das grandes cidades, vivendo-se rodeado de campo e trabalho? São estes três últimos marcos históricos que Maria Assunção Domingues Pereira vai, em primeira pessoa, contar.

Pré-produção

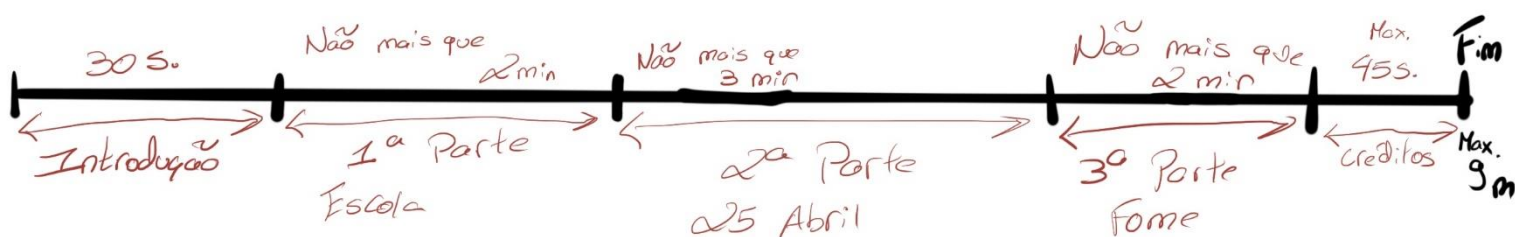
Nota de intenção

A memória é algo que de dia para dia se começa a dar mais valor. O medo da morte e de um dia deixarmos de poder recordar cada momento que tão excitadamente guardamos assusta qualquer um e, assim, acho que é necessário dar voz àqueles que talvez foram os momentos mais marcantes de algum idoso.

Maria Assunção Domingues Pereira foi a pessoa mais indicada. Além de sempre ter vivido nos arredores de uma cidade, sempre se viu um pouco isolada das notícias que mais chocavam Portugal. Além disso, tal como era defendido pelos ideais de Salazar, a escola parecia um pesadelo constante.


Estes foram dois dos marcos históricos que eu encontrei e gostava de saber como a Dona Maria, Maria para os amigos, vê toda esta situação e como passou cada segundo da história do país das Quinas.

Storyline




Storyboard

Página 1




Plano: *Sépie* - **TimeLapse**
 Escala: **P. Geral**
 Ângulo: **NORMAL**
 Profundidade: **Norm**
 Composição: **centralizada**

O sujeito é geral visto parte do rosto até lá...




Plano: **fixo**
 Escala: **Plano Geral / Plano médio**
 Ângulo: **NORM** (C) *canal - Pico do*
 Profundidade: **Méio / Méio** ~ f.12 ~ f.16
 Composição: **Centro!** *Zorro*




Plano: **fixo**
 Escala: **Plano Proximor**
 Ângulo: **Picado** *de*
 Profundidade: **Méio** - f.16 @
 Composição: **Centralizado**


Canção dos rios



Plano: *Print screens*
 Escala: *Print screens*
 Ângulo: */*
 Profundidade: */*
 Composição: *centralizada*




Plano: **fixo**
 Escala: **Plano médio** (*sem ser não ilustrativo*)
 Ângulo: **Norm**
 Profundidade: **Normal**
 Composição: **centralizado / esquerdo**



Plano: */*
 Escala: */*
 Ângulo: */*
 Profundidade: */*
 Composição: */*

Parte 1

Página 2



Plano: **fixo**
 Escala: **P. Geral**
 Ângulo: **Norm**
 Profundidade: **Méio - Méio** (*só quando fundo desfraco*)
 Composição: */*




Plano: **fixo**
 Escala: **Plano médio**
 Ângulo: **Normal**
 Profundidade: **Muito**
 Composição: **central / Esquerda**



Plano: **fixo**
 Escala: **Plano Méio / Grande P.**
 Ângulo: **Norm**
 Profundidade: **Muito**
 Composição: **central**

Parte 1



Plano: **fixo**
 Escala: **Grande Plano**
 Ângulo: **Picado**
 Profundidade: **Méio**
 Composição: **central**



Plano: */*
 Escala: */*
 Ângulo: */*
 Profundidade: */*
 Composição: */*



Plano: **fixo**
 Escala: **Plano médio**
 Ângulo: **Normal**
 Profundidade: **Muito**
 Composição: **central / Esquerda**

Parte 2

Página 3



Plano: Fixo
Escala: Grd
Ângulo: Norm
Profundidade: Muito
Composição: /



Plano: Fixo
Escala: Plano médio
Ângulo: Norm
Profundidade: Muito
Composição: central / Esquerda

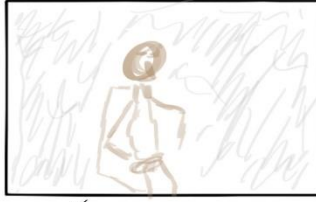


Plano: /
Escala: /
Ângulo: /
Profundidade: /
Composição: /

Parte 2



Plano: /
Escala: /
Ângulo: /
Profundidade: /
Composição: /



Plano: Fixo
Escala: Plano médio
Ângulo: Norm
Profundidade: Muito
Composição: central / Esquerda



Plano: Fixo
Escala: Plano Proximar
Ângulo: Pico do âng
Profundidade: Muito - F.16
Composição: central

Parte 3

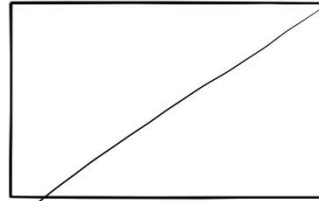
Página 4



Plano: Fixo
Escala: Grande Plano
Ângulo: Norm
Profundidade: Normal
Composição: central / Zado / Esquerda

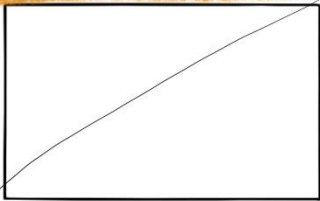


Plano: /
Escala: /
Ângulo: /
Profundidade: /
Composição: /

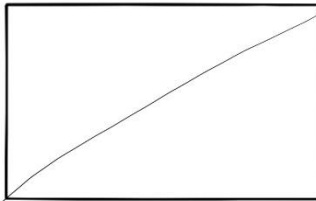


Plano: —
Escala: —
Ângulo: —
Profundidade: —
Composição: —

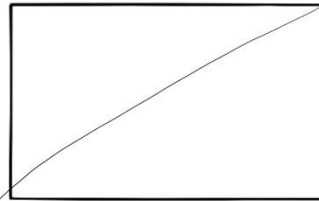
Parte 3



Plano: —
Escala: —
Ângulo: —
Profundidade: —
Composição: —



Plano: —
Escala: —
Ângulo: —
Profundidade: —
Composição: —



Plano: —
Escala: —
Ângulo: —
Profundidade: —
Composição: —

Guião de Intensão:

(consultar anexo)

Storyguide

➤ Guião de Entrevista:

1ª Parte

Escola - Como era o ensino quando tinha os seus 6/7 anos?

- Porrada?

- Que tarefas tinha de fazer em casa constantemente?

2ª Parte

25 de abril - Quão rápido chegou a informação?

- Como viveu o evento à distância?

3ª Parte

Fome - Tinha quantidade suficiente de comida para alimentar toda a sua família?

- O que mais lhe escasseava?

Produção

Guião Técnico

Cena	Data	Local	Iluminação	Escala	Ângulo	Movimento	Equipamento	Logística
1	27/05/2022	"Oleiros"	Natural	PG	Norm	P. Seq.	Canon EOS + Ventosa	
2	27/05/2022	Quintal	Natural	PG/PM	Norm	Fixo e P. Seq.	GoPro + ZOOM	SOM
3	27/05/2022	Interior	Ambas	PM	Norm	Fixo	Canon EOS + Tripé + ZOOM	
4	27/05/2022	Rua	Natural	PG	Norm	Fixo	GoPro + Base	
5	27/05/2022	Rua II	Natural	PG	Norm	Fixo	GoPro + Base	
6	27/05/2022	Rua III	Natural	PG	Norm	Fixo	GoPro + Base	
7	27/05/2022	"Oleiros" II	Natural	PG	Norm	P. Seq.	Canon EOS + Tripé	

Cena 1 – Caminho de Carro

Cena 2 – Cabras e aquelas árvores junto das cabras

Cena 3 – Entrevista

Cena 4/5/6 – Caminhos perto da casa

Cena 7 – Regresso – Saída da aldeia

Material:

- Câmara e respetivo tripé (Canon EOS2000d e Hama Star 61);
- Microfone de mão (ZOOM H2);
- GoPro e respetivos acessórios (GoPro Hero4, tripé, suporte e caixa);
- Cartões de memória, carregadores e baterias.

Tratando-se de um projeto audiovisual, é sempre necessário ver quais os materiais mais adequados e não esquecer do básico – baterias carregadas e cartões vazios. Contudo, é tão, mas tão básico que acabei por ter umas filmagens gravadas pela metade por falta de espaço no cartão. Não se tratou de uma cena essencial, ou seja, acabou por ser unicamente usado a metade da gravação prevista.

- ❖ Cenas ao ar livre – GoPro;
- ❖ Entrevista – Canon EOS e a captura de Som com ZOOM;
- ❖ Caminho, pelo visor do carro - Canon EOS;
- ❖ Gravação de Som ao ar livre – ZOOM.

Nota: A camara EOS foi quase sempre acompanhada pelo tripé. (Excl. gravações de carro)



*R
o
d
a
g
e
m* 27/05/2022



Guião de Montagem

- Ω Quando as imagens (recortes) aparecem, devem de aparecer o mais abruptamente possível para “assustar” o expectar e assim, obter mais atenção ao que é projetado. – Acompanhar de um som “BAM!”;
- Ω Fades-in e Fades-out de preferência apenas no início e fim e em vídeos da natureza que transitem para outros vídeos da natureza (remeter para a ideia de “paz”);
- Ω Usar um som continuo desde o minuto 0 até ao fim;
- Ω Nos títulos, tentar usar uma tipografia mais antiga – estilo jornais do século XIX (**OLD PRESS**);
- Ω **FILME A PRETO E BRANCO.**
- Ω Na “cena” dos créditos, colocar o vídeo a cores, talvez um vídeo da natureza dos quintais ou de algum dos seus animais – Galinhas, cabras, cães, etc.
- Ω Colocar alguns momentos a preto, só com som, nas transições entre partes/”Ato”.
- Ω Colocar aquele som das máquinas de escrever antigas sempre que aparecer algum texto, notícia ou então imagem com texto na projeção.
- Ω (...)

Pós-produção

Resultado Final



Divulgação

Como qualquer outro filme, o meu documentário não passa sem uma data de estreia.

A curta-metragem documental estreou a sua primeira versão no dia **5 de junho de 2022 às 00:15** no canal pessoal do YouTube do realizador (João Costa) e no blog pessoal da *Unidade Curricular de Imagem, Som e Narrativa Audiovisual*. (joao-costa2.webnode.pt)

Todavia, tanto este guião como o próprio filme, como este guião sofreram alterações o que causou uma nova estreia com a versão 2 deste projeto. Assim sendo, a segunda versão estreiar-se-á no dia **9 de junho de 2022 às 12:00**.



Reflexão Final

Apesar da minha ideia original ter sido apenas sobre celebrar a memória, vejo que o resultado final saiu bem melhor do que esperado. Ao longo das aulas do mês de maio tive o apoio do Professor Pedro Colaço do Rosário que sem dúvida me ajudou a orientar o trabalho e assim chegar à sua data de estreia.

Celebrar a memória não era, de todo, suficiente. Contudo, celebrar a memória de alguém que pisou a mesma terra que nós hoje pisamos durante três escuros marcos da história de Portugal faz nos perceber que não somos o que somos simplesmente pelo que somos. Pelo contrário, somos o que somos porque alguém foi o que foi e pôs fim ao extenso monopólio ditatorial.

A senhora Maria da Assunção foi a pessoa ideal para nos contar a história vista pelos seus olhos. Na verdade, a mesma já tinha sido escolhida bem antes do tema estar alinhado. Sabia desde cedo que por ter vivido longe da cidade, longe da rotina intensa dos cidadãos e longe dos grandes focos de informação teria uma versão da história de Portugal distinta daquela que os manuais de história nos fazem chegar. Mais uma vez, obrigado, a esta preciosa senhora que conhecendo pouco de mim, abriu as portas da sua casa e acolheu-me não só com boas histórias, mas também com um imenso carinho.

Posso dizer que esta curta-metragem é o meu primeiro grande, grande trabalho no mundo do audiovisual e de melhor forma não poderia ter entrado. Sinto-me orgulhoso do conteúdo que produzi, realizei, capturei e editei com as minhas próprias mãos.

Independentemente da nota que me seja atribuída à unidade curricular ou a este trabalho, sei que levo muito na minha mochila e vejo este documentário como um ponto de partida e não como apenas um mero ponto de conclusão (de um UC).

Por fim, mas não menos importante, gostaria de fazer mais três agradecimentos. O primeiro ao Professor Pedro que sempre insistiu na nossa aprendizagem desde a primeira aula – datada de 28 de fevereiro de 2022 – até ao próximo dia 6 de junho, dia da apresentação deste mesmo dossiê e do documentário a ele associado. O segundo agradecimento vai para toda a turma de ISNA de 2022 que, ora com uns altos, ora com outros baixos, consegui estar sempre presente uns para os outros, ou na sua maioria. Foi ouvindo-vos falar dos vossos trabalhos que inspirei algumas das minhas criações e acredito que o mesmo aconteceu desse lado. O último agradecimento é destinado única e exclusivamente à *Xana*, a minha *Xaninha* – Alexandra Sotomaior – que, apesar de não ter o seu nome em nenhuma parte dos créditos, esteve sempre do outro lado do telemóvel a ajudar-me com algum drama de última hora, não só durante este projeto como em qualquer outro trabalho da UC. Tentamos estar presentes na produção do projeto um do outro, mas a distância por vezes falava mais alto e acabava por nos impedir.

Deixo-vos assim com o trabalho que me deu de rir, de chorar, de desesperar e até de desistir por uns breves instantes, contudo, agora que este estreou, vejo-me muito mais feliz e realizado.

Bibliografia

António, Maria João Pégo (2004): “O que ficou na memória: os castigos corporais na escola primária: 1900-1960”. Disponível em www.repositorio.ul.pt/ (consultado em maio de 2022).

Diário Popular – Redação: Edição número 11317 de 25 de abril de 1974. Disponível em www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ (consultado em maio de 2022).

Diário de Lisboa – Redação: Edição número 18439 de 25 de abril de 1974. Disponível em www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ (consultado em maio de 2022).

Samara, Maria Alice e Henriques, Raquel Pereira: "Breves Retratos de Portugal no Tempo de Salazar". Disponível em www.aph.pt/wp-content/uploads/quotidianos-no-tempo-de-Salazar-texto-de-apoio.pdf (consultado em maio de 2022).

Anexo

FADE IN:

EXT. QUINTAL – DIA

ÁRVORE A ABANAR COM O VENTO; SOM DE FUNDO: BARULHOS DA ZONA,
"CANTIGA DOS RIOS"

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

" Oh meu rio Douro
do **Minho** Formoso,
Oh rio dourado, não sejas
vaidoso.

...

Cut to:

EXT. QUINTAL – DIA

CABRA A PASSEAR PELO JARDIM / PARADA.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

...

Minha amora amadurinha, quem foi
que te amadurou? Foi o sol e a
geada que ela apanhou. Qual era
que ela apanhou, apanhou pela
cerveirinha. És o encanto dos
meus olhos minha Amora
Amadurinha."

(primeira frase da parte 1:
Escola)

Cut to:

INT. COZINHA – DIA

MARIA DA ASSUNÇÃO COMEÇA A DESCREVER A SUA HISTÓRIA REFERENTE
À PRIMEIRA PARTE – ESCOLAS, PORRADA E PESADELOS ASSOCIADOS À
LIBERDADE DO PROFESSOR

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso
iniciado anteriormente)

Cut (hardly) to:

(-). *CORTES DE JORNAIS I*

DE REPENTE, VÃO APARECENDO ALGUNS RECORTES DE JORNAIS, OU
ENTÃO, ALGUNS RECORTES DE ARTIGOS E DE NOTÍCIAS ATUAIS SOBRE A
PORRADA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.

SOM: ACOMPANHAR-SE COM UM SOM "BOMBÁSTICO" E, DE CERTA FORMA, DRAMÁTICO. - IMPACTANTE.

Cut to:

EXT. RUA I - DIA

AS ESTRADAS PACATAS E NÃO MOVIMENTADAS DAS REDONDEZAS. ÚNICO MOVIMENTO: FOLHAS DAS ÁRVORES A ABANAR.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso iniciado anteriormente)

Cut to:

INT. COZINHA - DIA

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso iniciado anteriormente)

Cut to black.

(-). *RECORTES DE JORNAIS II*

ANTES DOS RECORTES APARECEREM, APARECER UNS BREVES SEGUNDOS SÓ COM O RUÍDO DE UMA MÁQUINA DE ESCREVER. DE REPENTE, APARECE AQUELE SOM BOMBÁSTICO E O PRIMEIRO RECORTE. A MÁQUINA DE ESCREVER NÃO PARA! NOVAMENTE O BARULHO E MAIS UM RECORTE, E OUTRO E OUTRO E...

Cut to:

INT. COZINHA - DIA

INÍCIO DA SEGUNDA PARTE. HISTÓRIA DAS VIVÊNCIAS DO 25 DE ABRIL LONGE DOS GRANDES CENTROS URBANOS. PRIMEIRAMENTE DESCREVER O QUE SENTIA (SE MEDO, SE PACIFICIDADE) E DE SEGUIDA RELATAR O PÓS-REVOLUÇÃO.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Iniciar discurso)

Cut to:

EXT. RUA II - DIA

UMA OUTRA ESTRADA PACATA E NÃO MOVIMENTADA DAS REDONDEZAS. ÚNICO MOVIMENTO: FOLHAS DAS ÁRVORES A ABANAR.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso II
iniciado anteriormente)

Cut to:

(-). *RECORTES DE JORNAIS III*

APARECEREM NOVOS RECORTES ACOMPANHADOS COM A MESMA TRILHA
SONORA: MÁQUINA DE ESCREVER E OS "BAMMM'S"

Cut to:

INT. COZINHA - DIA

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Finalização do discurso)

Cut to:

(-). *RECORTES DE JORNAIS IV*

APARECEREM NOVOS RECORTES, E OS ÚLTIMOS REFERENTES AO 25 DE
ABRIL, ACOMPANHADOS COM A MESMA TRILHA SONORA: MÁQUINA DE
ESCREVER E OS "BAMMM'S"

Cut to black.

INT. COZINHA - DIA

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso
iniciado anteriormente)

Cut to black.

(-). *RECORTES DE JORNAIS V*

ANTES DOS RECORTES APARECEREM, APARECER DE REPENTE AQUELE SOM
BOMBÁSTICO E O PRIMEIRO RECORTE, SEGUIDO LOGO LOGO PELA TRILHA
DA MÁQUINA DE ESCREVER.

Cut to:

INT. COZINHA - DIA

INÍCIO DA TERCEIRA E ÚLTIMA PARTE. O QUE TEVE DE PASSAR PARA
CONSEGUIR ULTRAPASSAR A FOME? QUAIS OS PIORES MOMENTOS?

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Iniciar discurso)

Cut to:

EXT. RUA III - DIA

UMA OUTRA ESTRADA PACATA E NÃO MOVIMENTADA DAS REDONDEZAS.
ÚNICO MOVIMENTO: FOLHAS DAS ÁRVORES A ABANAR.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Continuação do discurso II
iniciado anteriormente)

Cut to:

INT. COZINHA - DIA

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE.

MARIA ASSUNÇÃO V. OFF

(Finalização do discurso)

CUT OUT.

CRÉDITOS

AGRADECIMENTOS

CITAÇÃO

LOGO UTAD

"FIM"

FIM

“Dialeto Perdido”

Curta-metragem documental biográfica

Capa:



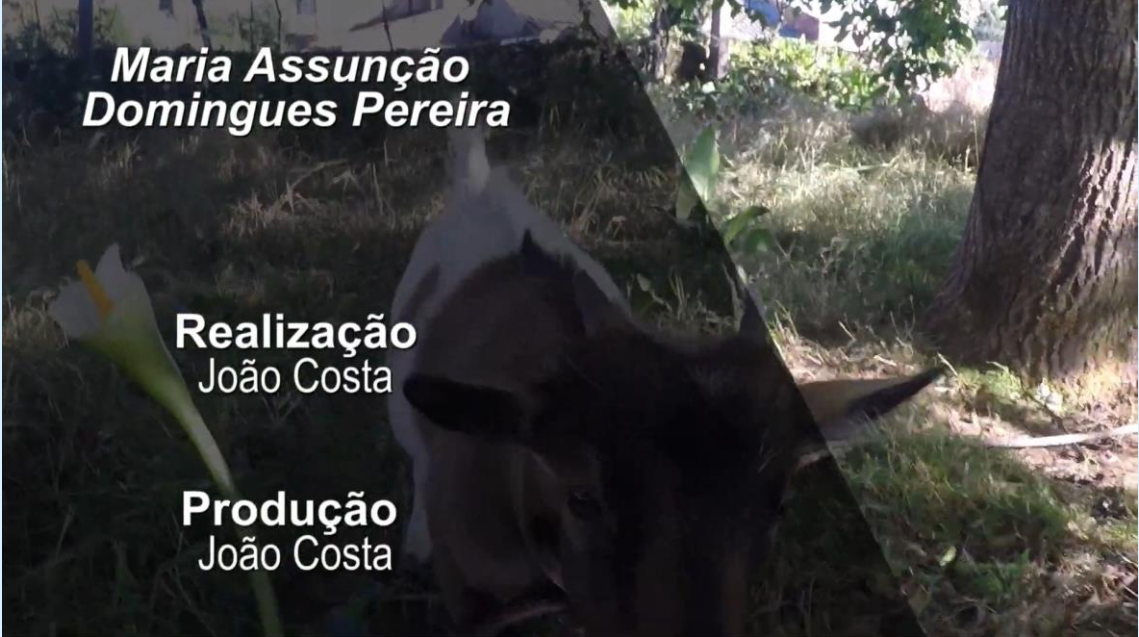
Frames da Curta-metragem:











**Maria Assunção
Domingues Pereira**

Realização
João Costa

Produção
João Costa

**“Oh meu rio Douro do Minho Formoso,
Oh rio dourado, não sejas vaidoso.**

**Minha amora amadurinha, quem foi que te amadurou? Foi o
sol e a geada que ela apanhou. Qual era que ela apanhou,
apanhou pela cerveirinha. És o encanto dos meus olhos minha
Amora Amadurinha.”**

Maria Assunção Pereira

Disponível em: <https://youtu.be/lnHo2ULCdRw> e em: www.ioao-costa2.webnode.pt

Reflexão Final

Finalizo a Unidade Curricular de *Imagem, Som e Narrativa Audiovisual* com a entrega deste portfólio que soma todos os trabalhos desenvolvidos em sua virtude. Igualmente sei que esta unidade curricular não foi apenas mais uma unidade curricular que frequentei, foi uma unidade curricular que me deu vontade de continuar porque foram mesmo muitas as capacidades que esta me trouxe.

Tal como é suposto, captei todas as informações transmitidas em aula e consegui, quase sempre, entregar os trabalhos dentro dos prazos previstos com o rigor que me era pedido. Aliás, todos os que leram os trabalhos quer individualmente quer através desta compilação conseguem entender esse mesmo rigor.

Por fim, a fim de concluir todos os trabalhos da melhor forma possível, fui proposto a idealizar, produzir, realizar e publicar uma curta-metragem de um tema totalmente à escolha. Vejo que esse mesmo projeto foi fruto do convergir de todas as aprendizagens que revelei nos trabalhos anteriores.

Com esta conclusão posso me tornar repetitivo ao que referi no *Dossiê de Produção* da Componente C, mas a verdade é que este trabalho de um semestre não é fruto exclusivo meu. Posso dizer que o meu trabalho não seria igualmente bom se não tivesse os mesmos colegas de UC ou o mesmo docente a lecionar todas as aulas previstas.

Fico orgulhoso e feliz com o resultado final desta unidade curricular. Revejo agora todo o trabalho e vejo que nele não mudaria nada, fá-lo-ia exatamente como foi feito.

Bibliografia

Pêra, Edgar (2013): *Hollywood: Estórias de glamour e miséria no império do cinema*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Grilo, João Mário; Batista, Tiago e Machado, João (2008): *Os Filmes da nossa Casa*. Almada: Mediateca da F.C.S.H. [Universidade Nova de Lisboa].

History.com Editors (2018): “Hollywood”. Disponível em [history.com/topics/roaring-twenties/hollywood](https://www.history.com/topics/roaring-twenties/hollywood) (consultado em 10 de março de 2022).

Marques, Mariana R.: “Cinema em Hollywood: A história completa”. Disponível em institutedecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa (consultado em 10 de março de 2022).

Abdo, Humberto (2017): “8 invenções de Thomas Edison que mudaram o mundo”. Disponível em revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/02/8-invencoes-de-thomas-edison-que-mudaram-o-mundo.html (consultado em 11 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2019): “Thomas Edison”. Disponível em www.ebiografia.com/thomas_edison/ (consultado em 11 de março de 2022).

Fuks, Rebeca (2021): “Os primeiros passos dos 24 maiores diretores de cinema de todos os tempos”. Disponível em www.ebiografia.com/primeiros_passos_maiores_diretores_cinema/ (consultado em 18 de março de 2022).

Feix, Giovana (2016): “Hollywood elege os 100 melhores filmes de todos os tempos”. Disponível em exame.com/casual/hollywood-elegeu-os-100-melhores-filmes-de-todos-os-tempos/ (consultado em 15 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2020): “Marilyn Monroe”. Disponível em https://www.ebiografia.com/Marilyn_monroe/ (consultado em 18 de março de 2022).

Frazão, Dilva (2018): “Morgan Freeman”. Disponível em https://www.ebiografia.com/morgan_freeman/ (consultado em 18 de março de 2022).

Pêra, Edgar (2013): *Hollywood: Estórias de glamour e miséria no império do cinema*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Frazão, Dilva (2017): “Biografia de James Cameron”. Disponível em [ebiografia.com/james_cameron/](https://www.ebiografia.com/james_cameron/) (consultado em 26 de março de 2022).

Fuks, Rebeca (2021): “Os primeiros passos dos 24 maiores diretores de cinema de todos os tempos”. Disponível em www.ebiografia.com/primeiros_passos_maiores_diretores_cinema/ (consultado em 26 de março de 2022).

Russo, Francisco: *Titanic – Críticas Adorocinema*. Disponível em www.adorocinema.com/filmes/filme-5818/criticas-adorocinema/ (consultado em 26 de março de 2022).

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: *Pedro Costa*. Disponível em alumni.letras.ulisboa.pt/memorias-vivas/biografias/decada-70?id=735 (consultado em 29 de março de 2022).

Alves, Cláudio (2019): *Vitalina Varela, em análise*. Disponível em magazine-hd.com/apps/wp/vitalina-varela-critica-analise-pedro-costa/ (consultado em 29 de março de 2022).

RTP (2020): “Nós, Portugueses – Nascer para não Morrer”. Disponível em www.rtp.pt/programa/tv/p38449 (consultado em maio de 2022).

António, Maria João Pégo (2004): “O que ficou na memória: os castigos corporais na escola primária: 1900-1960”. Disponível em www.repositorio.ul.pt/ (consultado em maio de 2022).

Diário Popular – Redação: Edição número 11317 de 25 de abril de 1974. Disponível em www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ (consultado em maio de 2022).

Diário de Lisboa – Redação: Edição número 18439 de 25 de abril de 1974. Disponível em www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ (consultado em maio de 2022).

Samara, Maria Alice e Henriques, Raquel Pereira: "Breves Retratos de Portugal no Tempo de Salazar". Disponível em www.aph.pt/wp-content/uploads/quotidianos-no-tempo-de-Salazar-texto-de-apoio.pdf (consultado em maio de 2022).

Plataformas www.imdb.com e www.adorocinema.com para consulta de sinopses, elenco, prémios, nomeações, etc.